



**EDUCAR, DOCUMENTAR E VALORIZAR PARA PRESERVAR:
PESCA ARTESANAL COM AUXÍLIO DOS BOTOS EM LAGUNA**

G643 González de Castells, Alicia Norma, 1947-
Educar, documentar e valorizar para preservar : pesca
artesanal com auxílio dos botos em Laguna / Alicia Norma
González de Castells ; Fátima Satsuki de Araujo lino. - 1. ed. -
Laguna, SC : Ed. do autor, 2015.
162p. ; il. col. ; 23x45cm. -

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-921307-0-1.

1. Patrimônio cultural - Brasil. 2. Pescadores artesanais com
botos – Laguna, SC - Brasil. I. lino, Fátima Satsuki de Araujo,
1981-. II. Título.

CDU – 351.711
CDD – 363.690981

PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Dilma Rousseff

MINISTRO DA CULTURA

Juca Ferreira

PRESIDENTA DO IPHAN

Jurema Machado

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE
ARTICULAÇÃO E FOMENTO

Luiz Philippe Peres Torelly

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE
PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO

Andrey Rosenthal Schlee

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE
PATRIMÔNIO IMATERIAL

Célia Maria Corsino

SUPERINTENDÊNCIA IPHAN SC

Liliane Janine Nizzola

FISCAL PROJETOS IPHAN SC

Regina Helena Meirelles Santiago



Ministério da
Cultura



CRÉDITOS DO LIVRO

AUTORAS

Alicia Norma González de Castells
Fátima Satsuki de Araujo Iino

EQUIPE DE PESQUISA

Ana Cristina Rodrigues Guimarães
Jonatan Agostinho Cardoso
Natalia Pérez Torres
Luis Felipe Lenz (colaborador)

AQUARELAS

Cleidi Albuquerque

FOTO DE CAPA

Ronaldo Amboni

FOTOGRAFIAS

Alunos da oficina de fotografia
Ronaldo Amboni
Natalia Pérez Torres
Ayla Vargens Figueiredo
Fátima Satsuki de Araujo Iino
Wellington Linhares Martins
Elvis Palma

EDITORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Fátima Satsuki de Araujo Iino

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Flávia Maria Torrezan

REVISÃO

Ana Cristina Rodrigues Guimarães

CRÉDITOS DO PROJETO

IDEALIZAÇÃO

Fabrcio Rocha
Wellington Linhares Martins

REALIZAÇÃO

Prefeitura de Laguna
Pref. Everaldo dos Santos
Fundação Lagunense de Cultura
Pres. Norton de Araújo Mattos
IPHAN Laguna
Ana Paula Citaddin

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Wellington Linhares Martins

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fabrcio Rocha

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Alicia Norma González de Castells

FOTÓGRAFO

Ronaldo Amboni

EQUIPE AUDIOVISUAL

Projeto Pangéia Documentários





SUMÁRIO

Prefácio.....	11
Apresentação.....	15

A PESCA ARTESANAL

A cidade de Laguna e a pesca artesanal.....	19
Pesca artesanal no Brasil.....	29
O Estado e a pesca artesanal no Brasil.....	31
A ciência e a pesca artesanal.....	33

SABERES E FAZERES

Pescadores artesanais com auxílio dos botos em Laguna

A arte de ser pescador.....	37
Os segredos da natureza.....	48
Entre os locais públicos e privados.....	53
O conhecimento dos antigos.....	57
O território da pesca.....	62
O boto e o pescador na lida da pesca.....	71
Os botos e seus atributos humanos.....	74
Parcerias entre os pescadores.....	78
Mercado do peixe.....	93

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O campo do patrimônio cultural em Laguna.....	103
O falso dilema do patrimônio concebido como material ou imaterial.....	104
Testemunhos patrimoniais da cidade.....	105
O espelho da imagem na questão patrimonial.....	112
O discurso da imagem.....	115

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	149
---------------------------------	-----

ANEXOS.....	152
-------------	-----

GLOSSÁRIO.....	154
----------------	-----

ALUNOS DAS OFICINAS.....	157
--------------------------	-----

ÍNDICE DE AUTORIA DAS FOTOS.....	159
----------------------------------	-----

SOBRE AS AUTORAS.....	160
-----------------------	-----



PREFÁCIO

Preservar para permitir às futuras gerações que apreciem uma das manifestações culturais mais expressivas de interação entre homem e animal. Esse foi um dos fatores que motivou o projeto intitulado “Educar, documentar e valorizar para Preservar: Pesca Artesanal com Auxílio dos Botos em Laguna/SC”. Tarefa complexa, permeada por uma série de inquietudes sobre a origem, os conhecimentos envolvidos e as projeções dessa pesca peculiar que envolve a cooperação entre os botos e os pescadores artesanais em Laguna.

O projeto não nasceu pronto. A primeira submissão com intuito de viabilizar sua execução foi em 2012, por meio do edital do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial - PNPI. Embora não contemplados, a experiência permitiu uma análise mais profunda da proposta que resultou em uma readequação das linhas de pesquisa. Em 2013, com uma visão um pouco mais madura, o projeto foi dividido em etapas e a aplicação dos recursos norteadas para atividades de sensibilização, valorização dos atores envolvidos e divulgação da prática de pesca peculiar. A aprovação do projeto veio no Edital de chamamento Público nº002/2013 – Apoio e fomento ao Patrimônio Cultural Imaterial de grupos de imigração.

Estruturalmente o projeto aprovado foi dividido em três segmentos complementares: (1) oficinas (de fotografia e audiovisual) para sensibilização e capacitação de jovens e adolescentes das comunidades pesqueiras da localidade, (2) produção de um audiovisual com depoimentos dos pescadores artesanais e (3) o livro que se apresenta, norteados por uma pesquisa antropológica com aporte dos detentores do saber. Tanto o audiovisual quanto o livro produzidos contam com a colaboração dos participantes das Oficinas e têm como objetivo principal a divulgação da pesca artesanal.

As oficinas, prioritariamente destinadas aos jovens e adolescentes referenciados aos serviços da Secretaria Municipal de Assistência Social, objetivaram a sensibilização dos parti-

participantes frente à manifestação cultural, a valorização dos pescadores artesanais e o fortalecimento do canal de transmissão dos conhecimentos entre os detentores do saber e as futuras gerações, representadas na ocasião pelos bolsistas selecionados.

Como parte fundamental do projeto, esta publicação visa compor o Plano de Registro da prática de pesca artesanal como um Patrimônio Imaterial reconhecido pelo Estado. Ela tem como suporte uma pesquisa aprofundada para o conhecimento desse tipo de pesca artesanal sob o enfoque dos principais atores envolvidos: os pescadores artesanais.

É importante mencionar que a concretização do projeto somente foi possível pelo envolvimento das equipes técnicas responsáveis pela elaboração do audiovisual e do livro, pelos jovens e adolescentes participantes das oficinas e, principalmente, pelos pescadores artesanais.

Agradecemos especialmente às instituições financiadoras: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e Fundação Lagunense de Cultura; e às instituições parceiras: Polícia Militar Ambiental e Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/Vila Vitória.

Esperamos que a distribuição gratuita deste livro em Escolas, Bibliotecas e Instituições Culturais do Estado possa despertar o interesse não somente pela atividade cultural que descreve, mas também estimular o desenvolvimento de atividades didáticas de Educação Patrimonial e de valorização e proteção das referências culturais em Laguna, tanto pelos cidadãos, que vivenciam e conhecem tão bem essas referências, como por todos que através desta publicação possam vir a conhecê-las.

Fabício Rocha da Silva e Wellington Linhares Martins





APRESENTAÇÃO

Este livro foi concebido com o intuito de retratar o cotidiano dos pescadores artesanais na cidade de Laguna, SC. Para tanto, traz à tona o conhecimento dessas populações transmitido geração após geração e que envolve tanto o saber-fazer referente ao universo da pesca como os desafios diários que os pescadores enfrentam para continuar com suas práticas costumeiras.

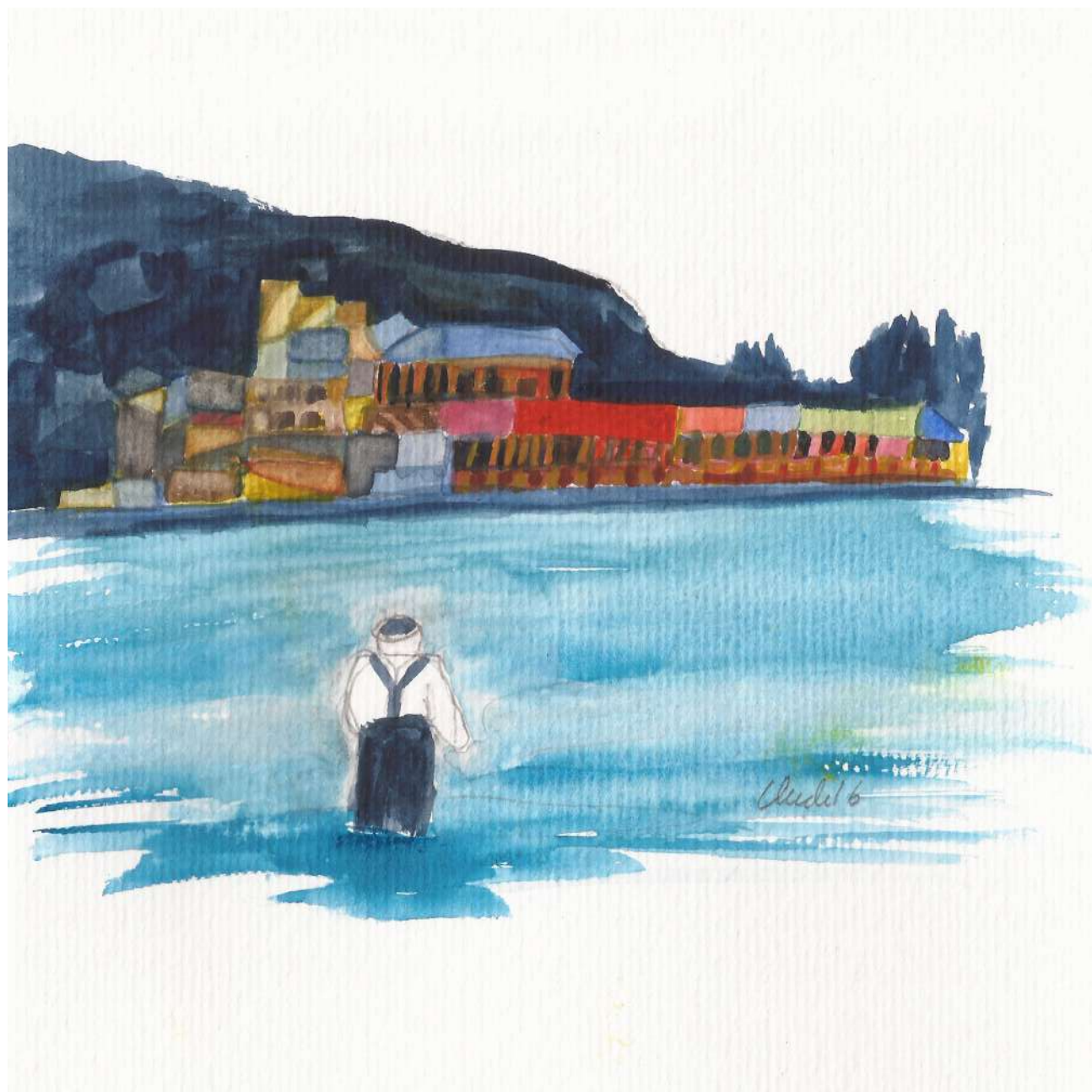
E esse retrato, construído na forma de um livro a ser devolvido para a coletividade, enfatizou os relatos, as experiências, os conhecimentos sobre a pesca construídos por várias gerações. É fruto de uma sequência ininterrupta dessa mesma atividade, que nos fora relatado em cada encontro, tanto nas praias à espera do peixe, como no espaço privado de suas casas.

As imagens que compõem o livro não tiveram o objetivo apenas de embelezar ou de meramente ilustrar, mas sim de complementar e instigar reflexões sobre os temas tratados. Não queremos apenas reviver ou explicar a sensação de presenciar o cotidiano da pesca artesanal, mas sim de “ajudar na compreensão das interpretações, e não apenas distrair a atenção do leitor entre o folhear das páginas.” (Godolphim, 1995:169).

Nessa perspectiva, para que a imagem gere reflexão e traga à tona significados e sentidos de relações sociais em torno da pesca artesanal, as fotografias escolhidas neste livro foram pensadas como parte da própria pesquisa e, assim, estruturantes do livro. Elas compõem o acervo do fotógrafo profissional Ronaldo Amboni, do coordenador do Projeto Wellington Linhares Martins, dos pesquisadores da equipe do NAUI - Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural/UFSC, da Prefeitura de Laguna e dos alunos das oficinas do projeto.

O primeiro capítulo trabalha o tema da pesca artesanal ultrapassando os limites da cidade de Laguna. Refletindo sobre estudos de temas afins em outros contextos brasileiros. O segundo capítulo trata dos Saberes e Fazeres dos pescadores artesanais com auxílio dos botos em Laguna. Nele se explora as falas nativas e as observações em campo, privilegiando a perspectiva desse grupo sobre sua própria realidade. Por fim, o terceiro capítulo intitulado Educação Patrimonial. Inicialmente, problematiza a categoria patrimônio material e imaterial, transpondo a discussão para o contexto lagunense. Depois, apresenta os resultados da oficina de fotografia articulando com as categorias nativas.





A PESCA ARTESANAL

A cidade de Laguna e a pesca artesanal

A pesca artesanal na cidade remonta ao tempo em que os indígenas Carijós ocupavam o território em que hoje está localizada Laguna, de acordo com os registros históricos colhidos para esta pesquisa. Sabemos que a pesca constitui uma das primeiras atividades extrativistas realizadas pelo homem, e não seria diferente em um lugar onde a natureza foi generosa.

Laguna é uma cidade peninsular banhada pelo oceano Atlântico de um lado e pelas lagoas costeiras de Imaruí, Mirim e Santo Antônio dos Anjos de outro, complementando o Complexo Lagunar, que alcança uma área de 300 quilômetros quadrados, incluindo as lagoas do Camacho e Garopaba Sul. Além disso, há a desembocadura do Rio Tubarão e um canal de aproximadamente 200 metros de latitude ligando o Complexo ao mar.

A história de Laguna, município litorâneo de Santa Catarina, é contada desde os tempos antes de Cristo, enfatizando a presença dos sambaquis¹, e sendo apontada como uma das regiões de maiores povoamentos durante a pré-história (Cadorin, 2003). No principal museu da cidade, o Museu Anita Garibaldi, estão expostas algumas peças encontradas nos sambaquis, como ferramentas e utensílios usados nos processos culinários. Porém, nos reistros encontrados até o momento, não se sabe se a população de sambaquieiros foi extinta ou migrou. Sabe-se apenas que foi sucedida pelos indígenas Jê, grupo que predominou na região dos séculos II a VII, quando chegaram os Tupis-guaranis, chamados pelos europeus de Carijós (Santos, 2004).

¹ Sambaqui é uma palavra de origem guarani e designa em português, depósitos antigos e fossilizados de restos de conchas, restos de cozinhas e de esqueletos. Vestígios de tribos pré-históricas que habitaram no litoral Americano.

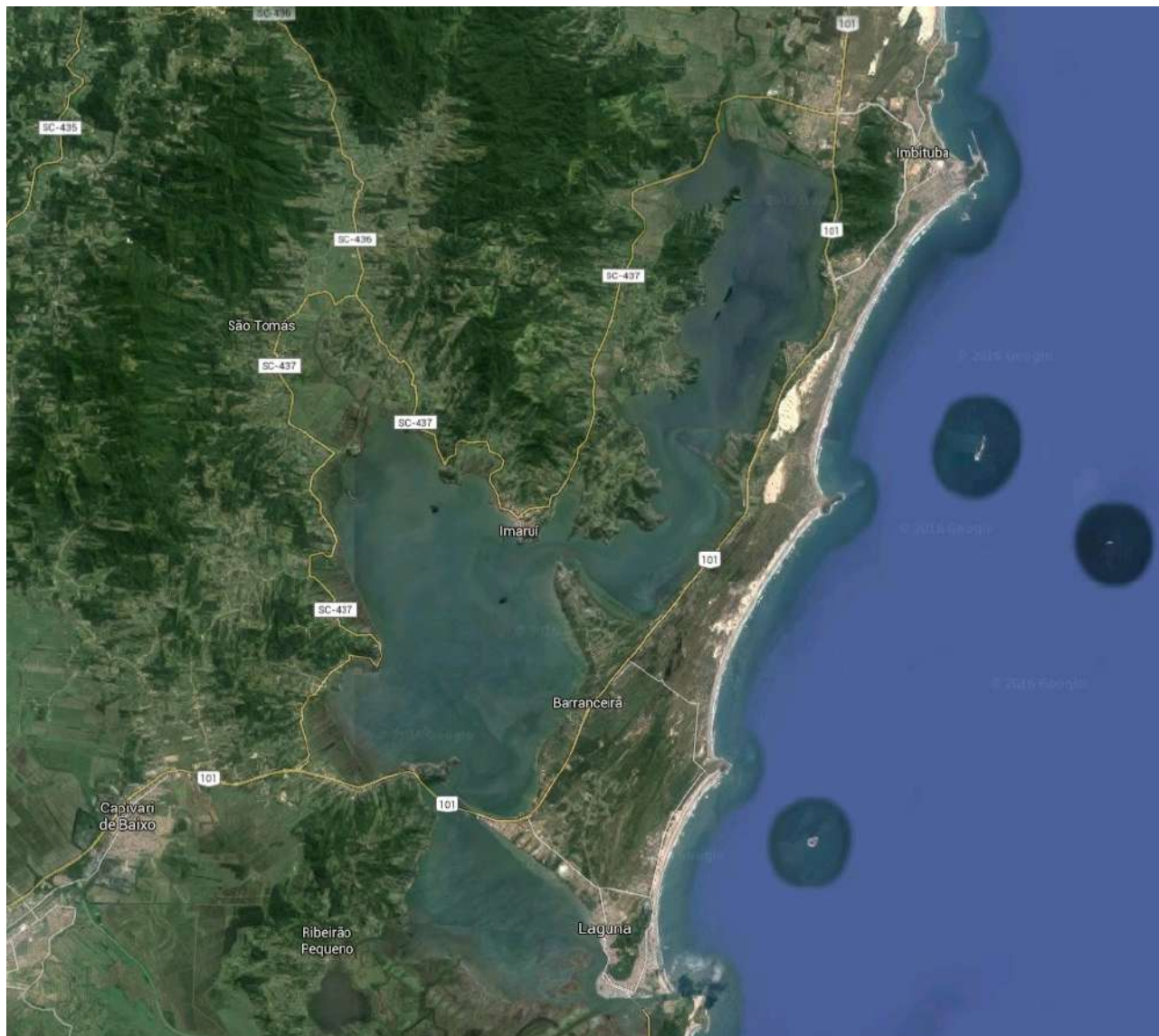


Imagem1 | Captação de satélite do Complexo Lagunar, demonstrando o formato de península da cidade de Laguna, com as lagoas Santo Antônio dos Anjos, Imaruí e Mirim à esquerda. Imagem extraída da internet, disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-28.3541636,-48.8093711,39050m/data=!3m1!1e3>



Imagem 2 | Museu Anita Garibaldi.

Após a chegada dos europeus no continente americano, a história de Laguna passa a ser contada como importante porto para abastecimento de água potável e troca de mantimentos com os índios. Sua importância pode ser percebida na disputa pelo território entre a Coroa Portuguesa e Espanhola que resultou na celebração do Tratado de Tordesilhas (Cadorin, 2003). Durante a primeira metade do século XVII padres jesuítas chegaram a Laguna com o intuito de estabelecer uma missão com os Carijós. Porém, encontraram resistência e conflitos envolvendo índios e caçadores paulistas de escravos negros. O povoamento da região, assim como grande parte do litoral, que hoje se enquadra no estado de Santa Catarina, foi iniciado na segunda metade desse mesmo século sendo encabeçado por paulistas. No caso de Laguna, Domingos Brito Peixoto via a região como um ponto privilegiado para acessar e conquistar o Rio Grande do Sul.



Imagem 3 | Perspectiva da cidade desde a Lagoa

Laguna, nesse período, inscreve-se na história como uma região estratégica para a conquista portuguesa no Sul do Brasil (Santos, 2004). Com o objetivo expansionista, em 1714, Dom Francisco de Távora, então governador do Rio de Janeiro, cumprindo decisão da Coroa, eleva a póvoa de Santo Antônio dos Anjos da Lagoa à condição de Vila, o equivalente a Município. (Cadorin, 2003)

Na metade do século XVIII Portugal, por decisão do Conselho Ultramarino, promove o início da migração dos açorianos² para o litoral de Santa Catarina. Essa determinação portuguesa parece ter sido impulsionada a pedido do coronel José da Silva Paes, pois o litoral catarinense, sob seu comando, necessitava de povoamento a fim de consolidar o domínio lusitano e minar as ameaças dos castelhanos (Cadorin, 2003).

² O arquipélago dos Açores é composto de nove ilhas, totalizando 2.400 quilômetros quadrados e foram descobertas pelos portugueses em 1432. (Santos, 2004:51)

Segundo Eugênio Lacerda (2003), a migração açoriana que ocorreu entre os anos 1748 e 1756 foi uma “diáspora colonial”³. Para o sul do Brasil foram enviados casais açorianos. Foi nesse período que surgiram as primeiras freguesias (pequenos bairros), que constituíam os principais núcleos urbanos de concentração açoriana.

Laguna foi cenário de diversos acontecimentos importantes na história do Sul do Brasil, como a República Juliana, proclamada em 29 de julho de 1838, por lagunenses com ideais separatistas, inspirados na presença de tropas farroupilhas. Porém, em 15 de novembro de 1839, tropas oficiais invadiram a cidade por mar e terra, findando a experiência da independência lagunense (Santos, 2004). A cidade possui uma personagem ilustre na sua história, Anita Garibaldi, que nasceu e viveu em Laguna até se casar com José Garibaldi, quando passou a acompanhá-lo na maioria dos episódios revolucionários que participou, inclusive a defesa da República Juliana.

Outro aspecto relevante está relacionado à imigração açoriana. A cidade desde então concebe uma ascendência açoriana muito ligada ao peixe e a pesca artesanal. No relato histórico da cidade, disponível na página virtual da prefeitura⁴, é afirmado que após a chegada dos açorianos, a pesca se intensificou por conta dos novos hábitos alimentares dos imigrantes. Muitos açorianos, que chegaram como lavradores, passaram a trabalhar também com a pesca e substituíram na alimentação o consumo da farinha de trigo pela de mandioca e da carne vermelha pela de peixe.

Nesse sentido, o contato dos imigrantes recém-chegados com os primeiros povoadores, que teriam aprendido com os Carijós as técnicas de pesca artesanal, favoreceu e deu bases culturais para a sobrevivência dos açorianos e para a formação das primeiras comunidades pesqueiras da cidade. Gradualmente a pesca artesanal foi sendo absorvida e

3 Aqui o autor faz uma diferenciação entre a “diáspora colonial” e, a “diáspora laboral” realizada pelos açorianos para os Estados Unidos e Canadá, dois séculos depois. (Lacerda, 2003:82)

4 Disponível em :<http://www.laguna.sc.gov.br/historia.php>. Último acesso em 28 de outubro de 2015.

adaptada pelos açorianos que povoaram a cidade de Laguna na lógica de subsistência. O pouco excedente era destinado para comercialização fora do estado.

Mais um fator definidor para a pesca se tornar a principal atividade econômica da cidade foi a transformação do Porto de Laguna em um porto pesqueiro, o primeiro do estado catariense, favorecendo a pesca em grande escala. Até as primeiras décadas do século XX, era utilizado apenas para a distribuição do carvão.

A cidade também se destaca pela produção das *artes de pesca* como tarrafa, redes e pequenas embarcações. Não há a instalação de grandes indústrias na cidade. Sua atividade econômica principal é a pesca, tanto artesanal como de grande escala, seguida do comércio. Laguna é uma cidade de pescadores, como alguns deles afirmam: “Isso aqui é área de pescador e só tem pescador, não tem vagabundo” (Pescador João Bertolino, apelidado de Latinha).

O Complexo Lagunar, por conta das Barras de Laguna e do Camacho, configura um ambiente propício para a pesca de crustáceo. Inicialmente destacou-se pela produção de siri e do camarão Laguna, reconhecido como um dos melhores crustáceos do Brasil. O período da pesca desse famoso camarão é entre dezembro a junho, é uma prática noturna e com instrumentos confeccionados artesanalmente. Fora desse período, o pescador artesanal registrado no sindicato como produtor de camarão recebe o defeso⁵, no período de 15 de julho a 15 de dezembro, em contrapartida pela proibição da pesca do camarão nessa época. Mais recentemente, a cidade tem se destacado através de documentários, reportagens e incentivo da secretaria do turismo pela pesca artesanal com auxílio dos botos.

A prática da pesca na qual o boto auxilia o pescador artesanal se realiza em diversos pontos da Lagoa de Santo Antônio dos Anjos, que permeia grande parte da cidade. Essa pesca

⁵ Defeso é uma espécie de seguro desemprego para o pescador artesanal, durante o período que o peixe, ou crustáceo (alvo da pesca), está em desova, “fora de temporada”. Tal medida visa proteger a reprodução do animal e o pescador, que necessita de renda.



Imagem 4 | Pesca artesanal com auxílio dos botos. Imagem divulgada pela prefeitura.

é, na sua maioria, uma prática diurna e masculina. Os pescadores em alguns pontos posicionam-se em botes e, em outros, em pé com água pela cintura, esperando um sinal do boto. O mamífero marinho direciona o cardume até encurralá-lo em frente aos pescadores, quando isso acontece o boto salta. Tal movimento é interpretado pelo humano como o momento certo de jogar a tarrafa e a direção adequada também é apontada durante o salto. Obviamente, é necessário um conhecimento prévio e específico dos pescadores, pois os botos fazem inúmeros movimentos e cabe ao pescador a tarefa de decidir quando o cetáceo está auxiliando a pesca e quando não está.

A pesca artesanal com auxílio dos botos está presente em Laguna, como afirmam os pescadores, desde muitos anos. Segundo Lacerda (2003:101), a produção de eventos de promoção da cultura dos Açores não é tão antiga assim e se intensificou a partir de 1994, “marcados pela evocação da herança e das tradições açorianas”. Na 21ª Festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina, observou-se que o espaço reservado à cidade de Laguna era repleto de figuras e imagens dos botos e da pesca. Há, portanto, uma indicação da apropriação dessa prática na construção da *açorianidade*⁶ da cidade. Em 24 de novembro de 2015, foi inaugurada na Praia dos Molhes uma estátua em forma de boto, em homenagem à pesca artesanal com auxílio dos botos. Na ocasião de abertura o então prefeito, Sr. Everaldo dos Santos, repetiu algumas vezes que Laguna é a cidade do “boto amigo do pescador e do pescador amigo do boto”.

6 Assim como Lacerda (2003: 225), se emprega o termo como “discurso político e cultural”.



Imagem 5 | Estátua do “boto amigo do pescador”.



Imagem 6 | Placa informativa em ponto de pesca da cidade.

Pesca artesanal no Brasil

Se a pesca em Laguna está presente desde tempos idos é importante conhecer essa mesma prática no resto do Brasil. Por um lado, visualizar a extensa faixa litorânea do território brasileiro permite imaginar que, desde tempos imemoriais, populações litorâneas ou ribeirinhas retiraram seu sustento dos rios, dos mares e das lagoas. Permite imaginar também como elas sobreviveram ao redor dessas práticas. Ou, como suas vidas, começando pelo corpo, seguindo pelas suas moradas e seus alimentos foram moldados pelas características desses mesmos ambientes aquáticos. Por outro lado, visualizar a extensa faixa litorânea do território brasileiro exige conhecer o lugar que essas populações ocuparam e ocupam para o Estado no desenvolvimento do Brasil. Para tanto, é preciso mapear socialmente esse trabalhador brasileiro.

Para avançar nesses questionamentos podemos nos perguntar o que se entende por pescador artesanal. Um dos caminhos possíveis é conhecer o que dizem os estudiosos dessas mesmas práticas e assim ter maiores subsídios na escrita de nossa narrativa cujo foco é o pescador artesanal de Laguna.

Há consenso entre os estudiosos de que a formação de várias comunidades litorâneas no Brasil aconteceu no período que vai do século XVIII ao início do século XX e que, em grande medida, essas populações viviam da atividade pesqueira. Entretanto, a constatação de uma ocupação alhures dessas comunidades assim como a sua permanência na extensa faixa litorânea brasileira não pressupõe a existência de um único tipo de pescador artesanal. “Em tais comunidades, dispersas por todo o litoral, modos de vida e culturas locais específicas puderam emergir, diferenciando seus membros de outros grupos” (Silva, 1993, citado por Ramires, Guerra Molina e Hanazaki, 2007:102). Esse é o caso das comunidades caiçaras estudadas pelas autoras, que afirmam que esses grupos “(...) durante longo período, ficaram relativamente isolados na Mata Atlântica e no litoral dos Estados de São Paulo,

Rio de Janeiro e Paraná”. E que “desenvolveram uma cultura particular que os diferencia das comunidades tradicionais do interior desses estados” (Diegues, 1988^a; Luchiari, 1992 e 1997, citados por Ramires, Guerra Molina e Hanazaki, 2007: 102).

É preciso tomar distância de uma noção essencialista de comunidade, como a ideia da existência de isolamentos e/ou continuidades desses grupos. Entretanto, concordamos que “o conhecimento sobre a pesca em particular e toda a cultura caiçara [para o caso estudado pelas autoras] em geral é transmitido através de experiências do cotidiano e através do relacionamento entre os membros das comunidades” (Ramires, Guerra Molina e Hanazaki, 2007:102). Assim, tendo em conta as ressalvas citadas, pode-se defender a tese de que o conhecimento dos pescadores é oriundo das práticas do cotidiano, do vivido e compartilhado geração após geração. Visão compartilhada também por vários estudiosos (Marques, 1991, Paz e Begossi, 1996, citados por Ramires, Guerra Molina e Hanazaki, 2007).

Clauzet, Ramires, & Barrella (2005:1) apontam uma definição de pescador artesanal que pode dar também subsídios para nossa compreensão:

Pescadores artesanais podem ser definidos como aqueles que, na captura e desembarque de toda classe de espécies aquáticas, trabalham sozinhos e/ou utilizam mão de obra familiar ou não assalariada, explorando ambientes ecológicos localizados próximos à costa, pois a embarcação e aparelhagem utilizadas para tal possuem pouca autonomia.

Essa definição em grande medida pode se aplicar a várias comunidades que ocuparam as regiões do litoral brasileiro, faixa litorânea que, como diz Adams (2000), após o descobrimento de Brasil foi quase a única área de povoamento. Entretanto, houve diversas condicionantes destacadas pelos estudiosos que impulsionaram mudanças inclusive no próprio

conhecimento desses pescadores tradicionais. Sobre este último tema, a introdução do motor de centro, por exemplo, foi uma dessas mudanças. Esses avanços tecnológicos outorgaram uma maior autonomia aos pescadores ativando também novas percepções sobre o meio ambiente (Mourão (1971) citado por Adams, 2000).

O Estado e a pesca artesanal no Brasil

Moraes (2015) situa o pescador artesanal num lugar estratégico determinado pelo próprio Estado, como uma das condicionantes externas sofridas por esse grupo. O autor explicita que as colônias de pescadores no Brasil remontam aos anos de 1919 sendo criadas pela Marinha de Guerra. Nesses termos, esses trabalhadores ao invés de se organizarem em sindicatos o fizeram em colônias. Os pescadores artesanais, (in)visibilizados para muitos da condição de trabalhadores, ocuparam para o Estado brasileiro um lugar de defesa da faixa litorânea de um país continental, num contexto geopolítico após a Primeira Guerra Mundial (1914-1919).

Resta se perguntar qual seria a importância das colônias de pescadores para a Marinha de Guerra. Qual seria o interesse que esses trabalhadores despertariam para a força naval?

Segundo Moraes,

O discurso instituído para fundar as colônias baseou-se na defesa nacional, pois ninguém melhor que os pescadores conhecem os “segredos” de rios e mares. Os conhecimentos, adquiridos e sistematizados durante décadas, eram de interesse da Marinha. Eles detêm um mapa mental sobre a geografia do lugar, conhecem rios, furos, canais, atalhos, lugares rasos e fundos que eram de interesse do Estado. O lema adotado pela Marinha para a fundação das colônias foi: “Pátria e Dever” (2015:2).

Para Villar,

Cada Colônia, formada pelos agrupamentos de pescadores no litoral, ilhas, rios e lagoas, seria um ponto de apoio (sic.) para a ação social, administrativa e militar do Governo (sic.) e da República. Seria um centro de orientação técnica e profissional. Um núcleo de vigilância da costa e de defesa nacional, facilmente mobilizável; de instrução e de educação cívica. Um posto de fiscalização da Pesca – defesa da fauna e da flora aquática e dos processos de trabalho em nossas águas (Villar, 1945:24, citado por Ramalho, 2014).

A subordinação destes trabalhadores agrupados em colônias ao Ministério da Marinha teve várias oscilações conforme os períodos políticos vividos tanto no âmbito nacional como internacional. Na Era Vargas passaram para o Ministério de Agricultura. Durante a Segunda Guerra Mundial voltaram para o Ministério da Marinha. Em 1967 voltaram ao Ministério da Agricultura. Com a promulgação da Constituição de 1988 “as colônias foram equiparadas em seus direitos sociais aos sindicatos de trabalhadores rurais (...). As colônias, então, passaram a ter autonomia, sem a intervenção do Estado” (Moraes, 2015:2).

Ramalho (2014:58) ressalta que aos pescadores artesanais coube “a condição de subalteridade política, principalmente após o surgimento das colônias de pesca e a obrigação de se filiarem a elas para exercerem seu secular ofício”. Desde 1963 até 2013 argumenta que se transformaram em “força de trabalho para a pesca industrial e aquícola, seja por via da subsunção formal (controle indireto de seu trabalho, através da produção), seja por meio da subsunção real (controle direto, a partir do assalariamento dos trabalhadores)”. Enfatiza que no “caso da aquicultura, o alvo tem sido o de mercantilizar um dos principais meios de produção da pesca, os mares, rios, lagos, etc., possibilitando, com isso, a quebra da autonomia produtiva dos pescadores artesanais”.



Imagem 7 | Unidade da Marinha em Laguna.

A ciência e a pesca artesanal

A pesca artesanal no Brasil, (in)visibilizada em termos de direitos trabalhistas e subsumida à lei do mercado, tem sido objeto de interesse de estudo por diversas forças sociais, como, por exemplo, o campo da ciência.

Valendo-se de um enfoque etnoecológico⁷ Ramires, Guerra Molina, e Hanazaki (2007) propõem trabalhar com o conhecimento dos pescadores artesanais, aprofundando dessa forma, dizem elas, aspectos morfológicos, ecológicos e comportamentais dos peixes, tais como: habitat, reprodução, comportamento, entre outros. Um dos objetivos é sistematizar

⁷ Referendando a V. M. Toledo (1992) e a V. D. Nazarea (1999) Ramires, Guerra Molina e Hanazaki definem etnoecologia como “o estudo dos conhecimentos, estratégias, atitudes e ferramentas que permitem as diferentes culturas produzir e reproduzir as condições materiais de sua existência social por meio de um manejo apropriado dos recursos naturais. (...)”. (102:2007).

as similaridades encontradas entre o etnoconhecimento caiçara e a literatura científica. As autoras defendem que “através da pesca artesanal os pescadores exploram o ambiente aquático de forma peculiar e mantêm grande diversidade de interações diretas com o ambiente”. Nesse viés esclarecem que a perspectiva de resgatar o conhecimento dos pescadores é para avançar no conhecimento científico. Colocam a ênfase “na discussão das relações entre biodiversidade e diversidade cultural, bem como a potencial contribuição do etnoconhecimento para a conservação da biodiversidade”. Para autores como Costa-Neto e Marques (2000^a), Clauzet (2003) e Lopes (2004) citados por Ramires, Guerra Molina, e Hanazaki (2007), acessar ao conhecimento dos pescadores artesanais sobre diversos temas, como comportamento, hábitos alimentares, reprodução, representam dados valiosos quando se pensa no desenvolvimento de plano de manejo sustentável.

Cabe ressaltar que, entre os resultados alcançados em suas pesquisas, Ramires, Guerra Molina e Hanazaki (2007) concluem que a pesca artesanal para as populações caiçaras já não é a única atividade econômica. Para Hanazaki (2001) tanto a pesca quanto a agricultura ocupam lugares secundários em relação as atividades do turismo para complementação da renda familiar. Porém, destaca que se as atividades ligadas ao turismo são predominantes, a pesca artesanal ainda tem importância total no orçamento Familiar.

Adams (2000:159) se baseando em estudos realizados por McCay (1978) sobre populações tradicionais pescadoras, mas agora a populações residentes em outros países, resalta que existem também processos permanentes de mudança entre essas populações influenciadas pelas sociedades regionais / nacionais.

A partir do contexto apresentado sobre os pescadores artesanais em alguns pontos do Brasil, nosso interesse nos próximos capítulos é trazer questões que identificamos relevantes dos pescadores artesanais em Laguna, alvo desta pesquisa.



Imagem 8 | Ronda de monitoramento científico no Complexo Lagunar.



SABERES E FAZERES

Pescadores artesanais com auxílio dos botos em Laguna

Laguna, ela é dominada por pescador, nós temos quase, agora acho que uns seis, sete mil. Entende? Então, o esquadrate norte-sul aqui é a área de pesca. Chegou numa área de pesca tem pescador e, se tem pescador numa área de pesca, tem conversador, tem mentira, tem brincadeira, tem churrascada na beirada d'água, tem peixe assado, peixe frito, tudo isso aí! (Pescador Latinha)

A arte de ser pescador

Como nos relata o pescador João Bertolino, apelidado de Latinha, quando se remete à cidade de Laguna, logo vem a mente uma cidade típica de pescadores. Pescadores artesanais, pescadores embarcados, pescadores que praticam diferentes tipos de pesca e que são conhecedores de vários tipos de técnicas, pescadores pela sobrevivência, pescadores pelo lazer. Esses pescadores alternam a pesca e a técnica de acordo com a época dos diferentes pescados da região. Na safra da tainha e anchova utiliza-se a tarrafa, na do robalo, a rede, na do camarão, o aviãozinho. Cada época do ano é um pescado e uma técnica diferente. Além desses peixes, há também a pesca de crustáceos, como o famoso camarão Laguna e o siri. Dentre as diversas atividades relacionadas à pesca praticadas pelos pescadores em Laguna, temos desde trabalhos temporários no porto pesqueiro até a comercialização do peixe vivo na própria praia ou no comércio dentro e fora de Laguna. Temos também atividades relacionadas ao processamento dos peixes, limpeza e congelamento, a confecção de redes e tarrafas e a carpintaria náutica, como o reparo e fabricação de pequenas embarcações.



Imagem 9 | Pescador artesanal Seu Latinha relatando suas experiências.

Algumas dessas atividades são realizadas também por mulheres lagunenses, muitas delas são esposas de pescadores. O tema da mulher na pesca é muito bem desenvolvido por Rose Gerber (2015) em “Mulheres e o Mar. Pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, Sul Brasil”. A autora revela que, no senso comum, a pesca é imaginada como um universo masculino, mas há muitas experiências que mostram a mulher ocupando um lugar central na pesca. Na nossa pesquisa, em visitas as residências, tivemos oportunidade de presenciar esposas de pescadores no congelamento de peixes, no preparo de marmitas, na confecção de redes e tarrafas, entre outros trabalhos. Algumas das atividades citadas foram retratadas pelos jovens lagunenses que participaram da oficina de fotografia, registradas em Educação Patrimonial, que será abordado no terceiro capítulo.

De alguma forma, a grande parte dos pescadores está o ano todo envolvido com atividades ligadas à pesca, e esse fato, para alguns, é essencial para ser considerado pescador. Como sinaliza Jaison Silveira Carvalho, apelidado de Gegê “pescador é quem vive da pesca o ano todo e entende da *arte de pesca*!”

A vocação da cidade de Laguna para pesca, como foi tratado anteriormente, tem vários fatores e atrai muitas pessoas de outras localidades para esta prática, ainda que pelo mero lazer. O depoimento seguinte mostra claramente a posição expressa por aqueles que estabelecem uma diferenciação explícita e diríamos identitária do que eles entendem por ser pescador.

Eu vivo da pesca e, toda a minha vida, vivi de pescar. Tem uma diferença entre quem pesca para o sustento e quem pesca por prazer. O primeiro fica esperando o boto pular para tirar o sustento dele e o segundo espera para sentir o peixe puxar (Pescador Seu Severiano).



Imagem 10 | Pescador artesanal Gegê na sua batera.



Imagem 11 | Pescador artesanal Seu Severiano *consertando* peixe.

Para viver o ano todo pescando, como declara Severiano Delgado, para tirar o sustento da pescaria e seus derivados, o pescador artesanal precisa entender de muitas técnicas, de conhecer os segredos da natureza, de mergulhar nas *artes de pesca*⁸. Além disso, como mostra a seguir o depoimento de Luiz Paulo da Silva Porto, apelidado de Guerrinha sobre a pesca do camarão, o saber do mestre é fundamental na formação de seus discípulos para dar continuidade a essa prática. O pescador Seu Guerrinha, descreve a rede a ser usada conforme a pesca, os lugares e as temporalidades adequadas e as características geográficas dos lugares onde o crustáceo se cria. Em última instância, relata com base na sua vivência, o quê e como pescar nesse lugar. Socializa seu saber do cotidiano, os meandros da pescaria, como mestre. Assim, permite a reprodução e também a criação desse mesmo saber.

Aviãozinho é uma rede que eles usam pra camarão, que fica a noite no mar, parada e com uma fluorescente pra chamar o camarão, chama aviãozinho. Geralmente são uma porção de lagoa e todas têm isso. É a única pesca que tem a portaria, é o aviãozinho, tem no Camacho e Garopaba do Sul que é duas lagoas junto, pescam esse tipo de pescado: camarão de aviãozinho, tem a Santa Marta, temo a Lagoa Santo Antônio que faz esse tipo de pescaria e temos, uma mais em cima depois da ponte que vai se embora, que é uma lagoa grande, pesca aviãozinho também (Pescador Seu Guerrinha).

8 Todos os termos usados pelos pescadores serão apresentados no decorrer do livro em fonte *itálica*. Para maior compreensão do seu significado foi elaborado um glossário dessas expressões.



Imagem 12 | Pescador artesanal Seu Guerrinha exibindo sua tarrafada.



Imagem 13 | Atividades ligadas à pesca: fabricação e reparo de bateras.



Imagem 14 | Atividades ligadas à pesca: Seu Guerrinha remendando sua tarrafa.



Imagem 15 | Atividades ligadas à pesca: processando o peixe.



Imagem 16 | Atividades ligadas à pesca: vendendo o peixe.

Os segredos da natureza

Para que a pesca tenha sido e continue, para alguns, sendo o sustento familiar, vimos que o conhecimento da natureza é essencial na vida desses homens que lidam com as intempéries horas a fio, como narra o pescador Marcos Tomé da Silveira, apelidado de Barroso.

O calor né, o calor, o frio, tempestade, o trabalho que passa né, nem sempre é mar de rosa né, tá lá sem camisa no boto, tarrafando, mergulhado. A noite ai tu pega uma tempestade escorrega, aqui ó. Peguei uma tempestade ante ontem, passei a perna quase quebrei a perna, quer dizer, foi numa madrugada de sexta pra sábado que deu aquela trovoada (Pescador Seu Barroso).

O saber acumulado sobre os segredos da natureza mostra a estreita relação que os pescadores guardam com o entorno natural, com o qual se defrontam cotidianamente na lida da pesca. Conhecedores dos ventos, das marés, dos hábitos dos peixes, dos botos, da geografia local, afirmam também que para exercer essa prática um dos sentidos básicos é a visão: “o que manda na pescaria são os olhos, pescador tem que enxergar bem!” (Pescador Carminio Marinho Feliciano).

A natureza pode ser concebida de muitas formas, como diz Gerber (2015). A autora faz referência às muitas possibilidades que estão implicadas nesse universo da natureza como os ventos, a maré, o mar, as fases da lua, colocando humanos e não humanos um no lugar do outro. Não é diferente em Laguna, os pescadores artesanais com botos, conforme suas narrativas, ocupam um o lugar do outro. As parcerias para que a pescaria seja boa não são feitas apenas entre pescadores. Como eles não se cansam de falar: o boto *coopera*; o boto *trabalha*; o boto é *ruim*. Nessa lógica discursiva existe uma submersa dialogia entre o pescador e o boto. Uma pretensa negociação entre humanos e não humanos.



Imagem 17 | Pescador artesanal Barroso puxando a tarrafa.



Imagem 18 | Pescador artesanal Seu Carminio na lida da pesca.



Imagem 19 | Pescadores artesanais Gegê e Barroso exibindo uma tarrafada.



Imagem 20 | Pescador artesanal e os botos na *folia*.

Entre os locais públicos e privados

No estudo anteriormente citado, Gerber (2015) faz referência aos locais tidos como centrais nas vidas das mulheres pescadoras. Conforme a autora, esses locais seriam os ranchos de pesca e as cozinhas “onde o elemento fogo é presença certa para que os processos de transformação de cru em cozido sejam possíveis” (idem: 52). No nosso estudo em Laguna, esses ranchos de pesca assemelham-se aos trapiches localizados nos bairros Vila Vitória e Ponta das Pedras. Nesses locais, realizam-se atividades como fazer e arrumar tarrafas, consertar embarcações, *consertar* peixe, atividades todas ligadas à pesca. A maioria de seus frequentadores é homem pescador. Entretanto, também são lugares de encontro familiares.⁹

Os trapiches em Laguna são mostra viva do lugar que esses ambientes ocupam na vida do pescador, desde a idealização até a sua construção. São estruturas que podem ser concebidas como ambíguas pela sua localização entre o elemento terra e o elemento água. Estruturas feitas de materiais reciclados que, salvando sua precariedade, respondem a um ordenamento sócio-espacial que define de forma precisa o que é público e o que é privado para o pescador. As fachadas dos trapiches voltadas para a rua apresentam diversas formas de fechamento (em grande medida pelos materiais reciclados utilizados). Quando se faz uma leitura visual delas, percebe-se explicitamente o critério de propriedade, a demarcação do privado. Se a água da lagoa pode ser considerada patrimônio comum da comunidade, os trapiches têm dono. Os materiais usados, a simbologia de cada uma das partes mostra até que ponto os trapiches identificam o pescador. Desde o tipo de porta, o tipo de fechamento, as cores, até os limites entre trapiches e destes em relação à água são sinalizadores que identificam seus donos.

9 O significado de trapiche encontrado no dicionário informal o define como “pequeno atracadouro para embarcações de pequeno porte, utilizado para embarque e desembarque ou mesmo como plataforma para pescarias”. De forma poética ainda, fazem referência a um trecho do livro de Jorge Amado, intitulado: Capitães da Areia, em especial quando este escreve: “sob a luz da lua, num velho trapiche abandonado, repousavam os Capitães da Areia”. <http://www.dicionarioinformal.com.br/trapiche>.

Esses lugares formam parte do cotidiano do pescador. Funcionam como atracadouros para embarque e desembarque, como plataformas de pesca, como espaço para o pescador limpar e preparar os peixes, guardar e reparar suas redes e tarrafas. Em muitos casos, termina sendo um lugar de sociabilidade com outros pescadores, um lugar para seu descanso e para compartilhar com a própria família, sendo de fato uma extensão de suas casas. Essa vida dos trapiches foi captada maciçamente pelos jovens lagunenses como se mostrará no capítulo sobre educação patrimonial (capítulo três).



Imagem 21 | Trapiche 1



Imagem 22 | Trapiche 2

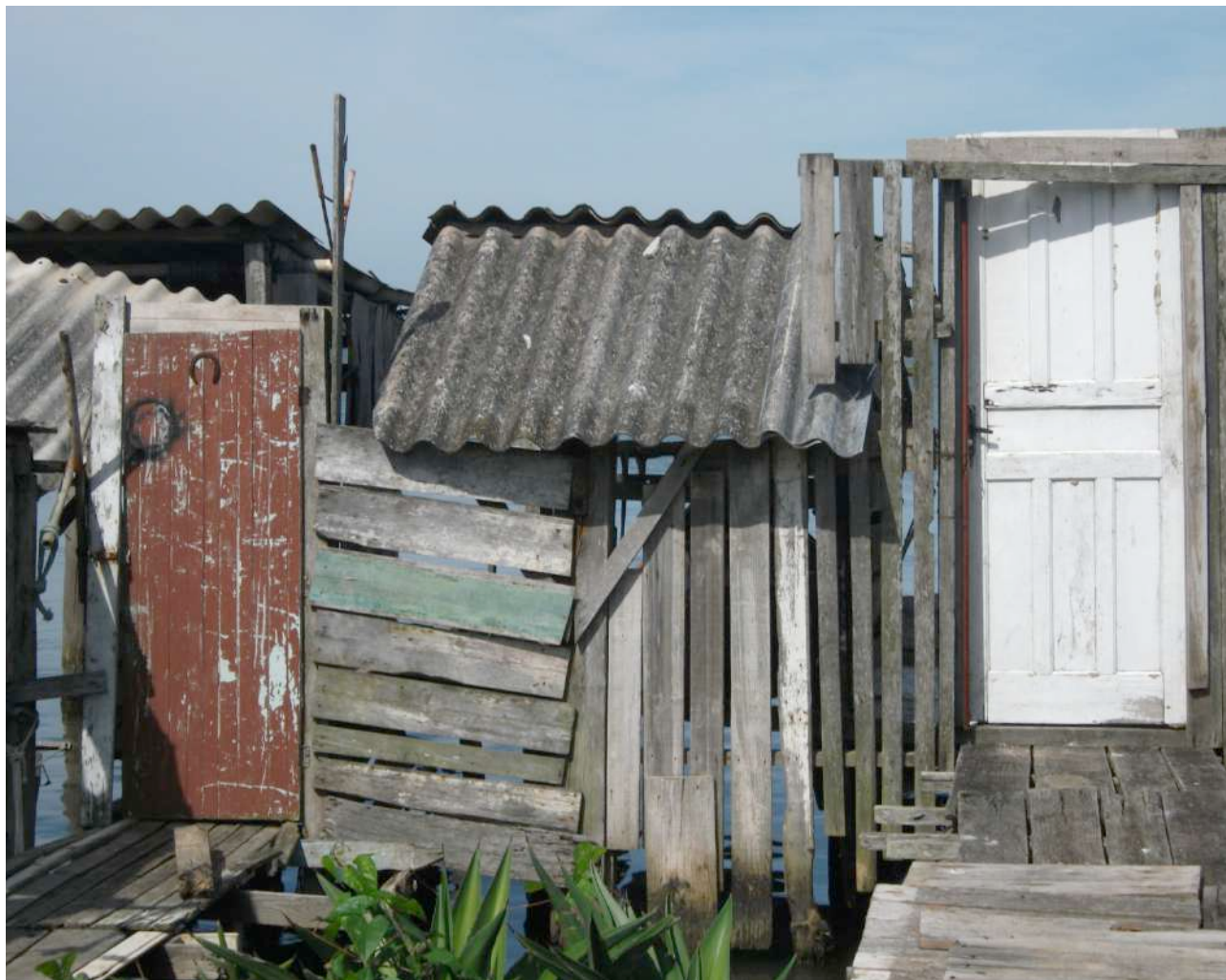


Imagem 23 | Trapiche 3

O conhecimento dos antigos

Houve e há uma pergunta recorrente entre nós, onde foi e como eles aprenderam as lidas da pesca? A maioria deles relatou que aprendeu com “os mais velhos”, direta ou indiretamente, como bem testemunha o pescador Zênio dos Sanos Moneteiro, apelidado de Nego: “(...) a gente ensina os mais jovens, mas nem tudo”.

O pescador Velly Preve comenta que ele aprendeu na base da observação. Em suas palavras: “Meu pai não me ensinou, eu aprendi só vendo ele fazer tudo.”

Pode-se afirmar que muitos dos filhos desses pescadores iniciaram seu aprendizado ao lado dos pais ainda na infância. O pescador Seu Guerrinha nos relata que ele começou o aprendizado da *emenda* muito cedo, lá pelos nove anos. Essa atividade lhe proporcionou grande reconhecimento em um amplo círculo de pescadores que permanece até os dias de hoje.

Tempo da emenda é quando eu comecei com nove anos nas emendas do meu pai... Eram duas canoa, já ouviu falar em canoa? Até por sinal eu tenho uma canoa, então a gente embarcava com quatrocentos braças de rede por causa da canoa. Quatrocentos braças de rede cada canoa! Quando eu comecei a pescar e dali, emenda, emenda é assim, aí tu via o peixe lá, encostava duas canoa e amarrava as duas pontas de rede saia arrastando, fazia um lanço, ali foi a minha pesca continuação de quarenta anos. Dali tu cercava o peixe, entende? Tu cercava o peixe com a rede, que hoje em dia não pode mais, e todo mundo pescador de fora vinha, vinha pra tirar o peixe na tarrafa na volta da rede, ai fiquei muito conhecido (Pescador Seu Guerrinha).



Imagem 24 | Pescador artesanal, Seu Negro relatando suas experiências.



Imagem 25 | Pescador artesanal, Seu Velly na lida da pesca.

O conhecimento passado de geração em geração constitui, para esta população, uma das formas tradicionais de aprendizado. Voltar ao passado, para muitos desses pescadores, e adentrar nas memórias do que é ser ou como foi se transformar em pescador mobiliza o que poderíamos denominar de memória afetiva e de sentido da vocação. Os depoimentos seguintes apontam nesse viés:

Ah, euusco desde os sete anos, sete anos eu já andava com o pai agarrado na canoa (Pescador Seu Latinha).

Eu acho que nasci na embarcação, acho que todo pescador já nasce na embarcação! (Pescador Seu Carminio).



Imagem 26 | A infância e a pesca artesanal.



Imagem 27 | Filho de pescador treinando com sua *pipoquinha*.

O território da pesca

Na nossa pesquisa, a observação da pesca artesanal com o auxílio dos botos foi feita numa praia da cidade de Laguna denominada cartograficamente Praia dos Molhes. Nessa praia, por sua vez, existe um recanto denominado pelos pescadores de *Tesoura*,¹⁰ pois, segundo eles, no fundo do mar as pedras formam um desenho de tesoura.

A Praia dos Molhes é uma das principais da cidade de Laguna. Boa para surfe e pesca. Recebeu esse nome porque em sua extensão há um enorme molhe, construção em forma de cais feita para criar um canal de entrada de navegações nos portos, protegendo-os da violência das águas. De um lado do molhe ficam os surfistas na Praia do Mar Grosso e, do outro, onde se forma o canal, ficam os pescadores. Os molhes de Laguna são uma construção de 1936, feita com pedras, com um quilômetro de extensão de um lado (parte norte) e um pouco menos de extensão do outro lado (parte sul), formando um canal, no qual a Lagoa de Santo Antônio dos Anjos deságua no mar. É por ali que as embarcações entram e saem da cidade. O chão dos molhes é de areia batida e pedras enormes beirando o mar. Nesses lugares, onde é muito comum ver gatos escondidos, diariamente há pessoas pescando, tanto de tarrafas como de anzol, com ou sem auxílio dos botos.

Na *Tesoura*, os pescadores se organizam em equipes para a pesca. Elas são, na maioria das vezes, compostas de três ou mais membros, que se revezam entre ficar na água tarrafando, ficar na areia observando o movimento dos botos e dos outros pescadores e, ficar na areia para comercializar o peixe. As equipes são formadas sempre no início dia. Não existem equipes fixas, mas sim pessoas que circulam entre elas por afinidades. No final do dia as equipes se dissolvem e dividem o dinheiro arrecadado em partes iguais. Normalmente a estratégia consiste em juntar um pescador mais habilidoso para tarrafar, um mais apto para

10 Cada vez que nos referiremos a essa praia a denominaremos de *Tesoura*, nome atribuído pelos pescadores.

negociar e outro mais experiente para observar os botos e outros pescadores. Cada equipe na *Tesoura* tem o seu lugar (*vaga*) e vez de tarrafar. Nenhum pescador soube dizer desde quando eles se organizam desse modo apenas disseram que assim funciona desde sempre.

A gente pega os parceiros ali na hora, entende? Lá é por vaga né, lá quanto mais cedo o cara chega, mais fácil pegar uma vaga boa, ali a gente faz de dois, quatro, seis oito, uma equipe, por equipe né? E todo o dia muda, a equipe, todo o dia muda, depende de quem vai chegando (Pescador Seu Guerrinha).



Imagem 28 | Barreira de pescadores à espera do boto na *Tesoura*.



Imagem 29 | Pescador artesanal com anzol no molhe.



Imagem 30 | Pescadores artesanais tarrafando no molhe.

Na água forma-se uma espécie de barreira de pescadores alinhados lado a lado, alguns com macacões impermeáveis, outros com roupas térmicas de borracha e outros com vestimentas normais, a maioria protegendo-se do sol, com bonés ou chapéus. A *Tesoura* é dividida em duas partes, separadas por uma pequena extensão de pedras, que, dependendo da maré, cheia ou vazante, se avista muito ou pouco.

Segundo os depoimentos dos pescadores, existe, na parte esquerda da *Tesoura*, sete posições de pesca chamadas por eles de *vagas* que são escolhidas por ordem de chegada. Muitos pescadores pernoitam para conseguir uma boa *vaga*. As melhores são aquelas localizadas mais próximas à ponta esquerda da *Tesoura*. Nesse lugar há mais pedras submersas, onde as tainhas se protegem dos botos. Em cada *vaga* podem enfileirar-se muitos pescadores, cada um esperando a sua vez. Quando o pescador está na vez, ele pode tarrafar (jogar a tarrafa na água) quantas vezes ele desejar, porém quando a tarrafa vem com peixe ela conta como tarrafada da vez e depois de duas tarrafadas com peixe, o pescador deve passar a vez para o próximo pescador da *vaga*. Não importa a quantidade de peixe na tarrafa, importa que tenha ou não peixe, pode ser um ou quinze, a tarrafada conta do mesmo jeito para passar a vez.

Para a equipe reservar sua *vaga*, além de se manter esperando na água, deve deixar as tarrafas na areia marcando sua posição. As tarrafas ficam na areia dispostas na direção da *vaga* na água e sinalizam qual pescador está na vez e quem será o próximo. Essa é mais uma função de um dos membros da equipe: vigiar as tarrafas dispostas na areia.

Quando a *Tesoura* está muito cheia de pescadores, cria-se mais um espaço para tarrafar, chamado de *recurso*, localizado à esquerda da primeira *vaga*. O responsável por organizar essa nova *vaga* é o pescador localizado na primeira *vaga*. Dessa forma, é comum ver pescadores com maiores afinidades ocupando a primeira *vaga* e o *recurso*. O sistema de vezes também funciona ali, cada pescador tem direito a duas tarrafadas com peixe.



Imagem 31 | Um dia muito movimentado nos dois lados da *Tesoura*.



Imagem 32 | A marcação das vagas.

Na outra parte da *Tesoura* também acontece o mesmo sistema de *vagas e vezes*, mas sem um número definido de posições das equipes como do outro lado. As *vagas* ali são criadas de acordo com a quantidade de pescadores no dia. Normalmente, são os mais amadores que procuram esse lado. Segundo os pescadores, essa parte tem menos pedras no fundo e, como já vimos, os peixes, em contrapartida, se escondem nas pedras. Portanto, o lado esquerdo da *Tesoura* é sempre o lugar mais requisitado.

Essa organização do território da pesca em *vagas e vezes*, usada pelos pescadores artesanais com auxílio dos botos na *Tesoura*, seria o equivalente ao observado por Simone Maldonado (1994) em seus estudos sobre pesca artesanal:

A marcação é sem dúvida uma prática social ligada à territorialidade, conceito que informa fundamentalmente o conhecimento marítimo e as outras práticas que a ela se associa na construção do horizonte de relacionamento das sociedades pesqueiras com o real. A literatura sobre pescadores mostra ser generalizado que eles se organizem e façam, dentro da teoria local, o gerenciamento e a exploração dos espaços de cada comunidade, dividindo o mar em zonas de pesca, mares, bancos de peixe, pesqueiros, “pedras” e “grounds”. (Maldonado, 1994: 98).

Os pescadores artesanais com auxílio dos botos em Laguna também gerenciam sua pesca. Nesse processo, existem códigos e regras de comportamento. O caso da organização do território da pesca em *equipes* é um desses exemplos. Desentendimentos ou acertos no cumprimento das regras são mediados pelos pescadores mais antigos e assíduos da *Tesoura*.



Imagem 33 | O lado esquerdo da *Tesoura*.

O boto e o pescador na lida da pesca

Muitos aspectos compõem a relação que os pescadores estabelecem com os botos. São narrativas de afetos e desafetos, de trabalho e lazer, de parcerias. Trechos das falas do Seu Guerrinha, Gegê e Seu Nego, todos pescadores, ilustram formas dessa relação. Esses relatos expressam a ideia de cooperação e de negação por parte do boto. De ajuda e dedicação do pescador em relação ao boto. De identificação e preferência por algum deles.

Eu gosto de um boto maior que tem chamado Escubidu. É porque ele trabalha em cima de cardume de peixe, geralmente tem muito boto que chega na hora de pegar o peixe, ele corre dum cardume grande de peixe, então o Escubidu já é um boto que prepara bem o peixe, domina bem o peixe, é o melhor pescador, geralmente, se eu fazer cinquenta pergunta pra pescador lá nos molhes, ou vinte ou trinta pescador, eles vão achar que é o melhor boto que tem, né? Tem muito tipo de boto, bastante, mas geralmente eu gosto mais desse tipo de boto aí, geralmente é um dos botos mais velho que tá agora (Pescador Seu Guerrinha).

Às vezes o cara fica brabo porque às vezes tem peixe e ele (boto) não quer trabalhar, ele só chega e sai, e às vezes não tem peixe ele fica um tempão, aí o cara até fica brabo nesse dia, já penso o peixe tá passando o boto tá ali não quer trabalhar vai embora, às vezes não tem nada ele fica o dia inteiro ali, não dá raiva, dá né? (Pescador Seu Guerrinha)

Quando o boto prende na tarrafa, a agente esquece tudo, rasga a tarrafa, fazemos de tudo pra salvar o bicho (Pescador Gegê).



Imagem 34 | Parceria: boto x pescador.

A parceria com o boto é parecida com um bicho de estimação, mesmo que o pescador não pegue nada a companhia do boto no lugar da pesca é suficiente. Essa sensação justifica ficar dentro da água o dia todo, muitas vezes sem tomar café da manhã ou sem almoçar (Pescador Seu Nego).

Demonstrações de afetos e desafetos apareceram em episódios nos quais os botos se machucaram ou morreram. Também apareceram em momentos de exaltação por estarem juntos na água, manifestando felicidade pela companhia dos cetáceos. Quanto à preferência dos pescadores por certos botos, o afeto parece mais pautado no trabalho, na produtividade que eles fornecem aos pescadores e, na mesma lógica, os desafetos são pautados pelo não rendimento que certo boto trouxe para um dia de pesca.



Imagem 35 | O sofrimento.

Os botos e seus atributos humanos

Outro elemento presente nas narrativas dos pescadores sobre suas relações com os botos, diz respeito ao tipo de identificação que os pescadores mantêm com eles. Ambos são reconhecidos pelos pescadores como dois grupos de trabalhadores buscando a sobrevivência. Como observamos na fala do Seu Guerrinha: “o boto é também pescador!” Essa identificação ocorre pelo fato do boto ganhar *status* e características humanas na prática da pesca artesanal cooperativa.

Quando o assunto é a nomeação ou batismo dos botos a humanização é evidente e a correspondência entre pescador e boto também. Nomear um boto gera prestígio para os pescadores, principalmente quando esse nome é aceito e usado por todos os pescadores de um mesmo local. Os nomes e a distinção usual de botos que cooperam e não cooperam são reflexos de uma classificação feita pelos pescadores, pautadas em elementos da sociedade humana, moral e estética¹¹.

Prefiro o Escubidu, que é um boto sério (Pescador Seu Zênio).

Prefiro o Escubidu, porque é um boto mais presente (Pescador Vanderlei Mendonça, apelidado de Delei).

Quando tem peixe bom, o boto arregala os olhos grandes pro pescador! (Pescador Gegê).

¹¹ Ver em anexo, as duas matérias intituladas “Os Botos da Laguna e suas Curiosidades” de Valdir Moraes (seu Dido), publicadas no jornal O Pharol em 06 e 20 de agosto de 2004.



Imagem 36 | Pescador artesanal, Seu Delei relatando suas experiências.

Eu dei nome pro Taffarel. Taffarel também foi um boto que mata-ram, Taffarel era um boto muito pulador, se jogava de lado, então quer dizer, na época foi na época do Taffarel agarrava aqueles pê-naltis, então, é o filho do Latinha nasceu essa femeazinha e bota-ram o nome de Taffarel, parece o Taffarel e ficou. Mesma coisa um apelido né, o Barroso botaram pra mim, faz quinze anos que eu uso Barroso e deu pra bola. Quer vê, se tu chegar lá no pontal, ah o Marcos está? Não tem Marcos aqui... agora se perguntar pelo Barroso, até em Londres eu tô! (Pescador Seu Barroso).

É como eu falei, tem várias coisas né, tem uma sincronia entre o pescador e o boto também, mas na minha opção tá, é o que eu falo, o boto ele trabalha pra ele (...). É igual a eu, não tenho férias não, nada, trabalho pra mim (Pescador Seu Barroso).

O boto bom é aquele que auxilia o pescador na pesca, é aquele que se aproxima do pescador, já o boto ruim é aquele que só anda lá pela beira do canal, sai barra a fora, vai pra praia, volta, mas ele não se aproxima do pescado (Pescador Valdir Moraes, apelidado de Dido).

O boto que é ruim tem filhos ruins, não trabalham. O boto bom, ensinado pela mãe, trabalha bem. Geralmente não morre muito boto bom, porque é o mais manso (Pescador Seu Severiano).

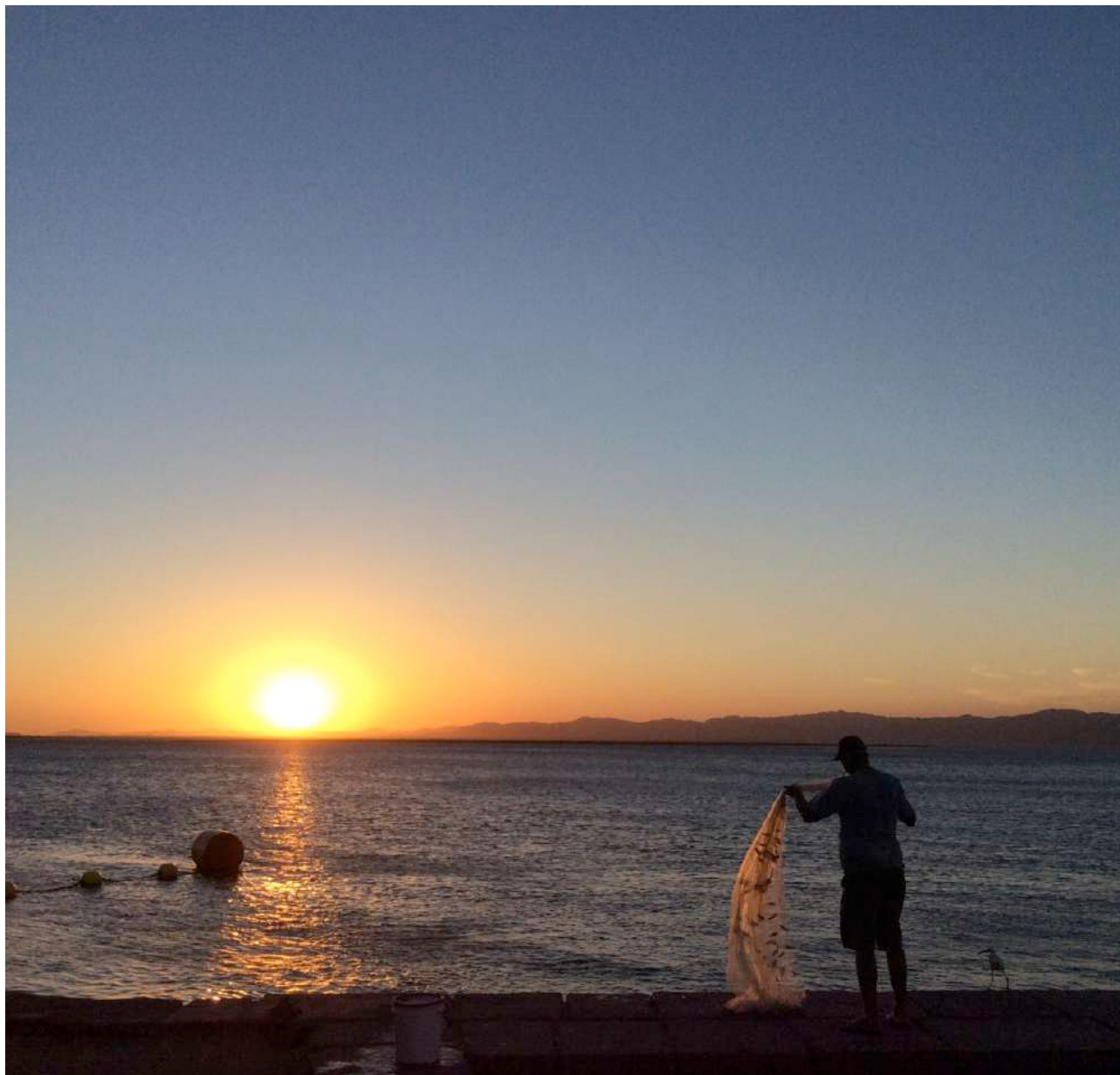


Imagem 37 | Pescador artesanal, Seu Dido ao pôr do sol.

Ó, o boto, eu tinha uma relação de boto, tinha trezentos e poucos nomes de boto, no tempo dos avôs do meu pai né, hoje esses botos novinhos ai eu quase, eu só conheço o Escubidu, entende? O Juscelino já morreu, a Xuxa eu não vi mais, são boto, escolhe a pessoa, gosto e bota o nome do boto, tem o Cachorro, que é um boto brabo, tem o Alumínio que é o boto mais bonito que nós tinha, que ele já faleceu, ele era muito, não tinha nada mais branco do que ele, ele brilhava no sol, ai botei o nome de Alumínio, tinha a Gavioa, tinha o Cego, o Rampero (Pescador Seu Latinha).

Esses dias eu botei um nome dum boto. Eu tava lá no Buraco do Dedeco, lá no meio do pontal da *Tesoura*, já faz uns três anos acho, e chegou aquele boto da galha toda ruim, tudo feio, nunca tinha visto aquele boto, que boto mais esquisito, ele ficou fora assim, ai tá, ai passou uns três dias, como se fosse uns dez dias fui aqui no nosso pontal o boto tava ali, o mesmo que tinha visto lá no pontal, ai eu disse pros rapazes que estavam ali junto comigo, que boto mais esquisito, tu sabe que eu vi esse boto no pontal esses dias, vamos botar um nome nesse boto aí, ele era bem feio mesmo, mas bem esquisito, ele tinha falha nas duas galhas, eu vou botar, ai o cara disse assim, eu vou botar o nome desse boto, eu assim, vou botar também um nome pra ele, ai o cara deu o nome e eu dei o meu, o meu foi Porquinho, e ficou por Porquinho até hoje, ele tá trabalhando aqui, trabalha lá no Pontal, ah uns dois anos passados ele chegou lá no Pontal da *Tesoura*, e ele era bem feinho mesmo bem, com defeito na galha, a turma dos pescador lá não quise-

ram cair na água, que era um boto sem fiança, nunca trabalhou la né, ai ah que boto é esse ai, esse ai é o Porquinho, ah esse eu nem vou perder meu tempo, cair na água por causa desse boto, e naquele dia ele pegou seis cardumes de peixe grande, e nós fomos até feliz naquele dia que demos duas tarrafada boa com ele (Pescador Seu Guerrinha).

Podemos perceber nas falas supracitadas, principalmente na do Seu Barroso, uma identificação do pescador com o boto, ambos parceiros de trabalho. Esse pescador é um dos que afirma que o boto participa da cooperação exclusivamente com o fim de sobreviver e o humano aproveita a oportunidade. Segundo ele, o boto trabalha para si, assim como ele próprio. Portanto, em determinados momentos se igualam. Um tenta ganhar em cima do outro:

É, o boto ele é pra... porque o boto também assim, ele tira o peixe de baixo tarrafa, quer dizer, é uma sobrevivência que cada um na sua, eu vou tentar roubar dele, e ele vai tentar roubar de mim. Tem a pessoa, a porque o botinho tal chegou ali, traz peixe pro pescador, não traz, no meu contexto, ele não traz, na verdade ele pula para comer, pra se alimentar, e nós por mais que malandro, vamos supor assim tarrafamos na frente dele, então é onde eu digo, que a inteligência do boto, ele cerca porque, porque eu tarrafando naquele cardume de peixe, alguns peixe vão rodear aonde tá cercado aquele cardume, então quer dizer, ele come aquilo que fica por fora, eu penso assim, entendeu? (Pescador Seu Barroso)

Observa-se nessas falas sentimentos de reciprocidade atribuídos aos botos, como a devolução de afeto. Seu Zênio afirma que os pescadores “salvaram a vida do boto”, permitindo a continuidade da cooperação. Diferentemente da visão do Seu Barroso, os pescadores Seu Guerrinha e Seu Latinha defendem a versão de que os botos sabem quem os ajudam e os reconhecem e suas narrativas são mais afetuosas. Em ambas as situações e versões, a humanização do boto e a ligação com o pescador é aceita como algo natural. Os trechos seguintes ilustram essa relação.

O boto conhece. Eu já mergulhei lá dentro do rio em cima de uns três botos filhotes, eu fui indo pro fundo com os olhos abertos e eles faziam só assim ó (arregalou os olhos), brincando com a gente (Pescador Seu Latinha).

A agente brinca: “Carobinha vem aqui perto de mim, pula num lote de peixe aqui pra gente”, pra nós aqui, Fulano e Ciclano que tá do lado, ai começa a brincar né, é a bota, acho que a mais mansa que tem. O boto pula pro pescador, isso ai também! (Pescador Seu Guerrinha)

Ah esses botos são acostumados, é de muitos anos né, já são acostumados, parece que ele conhece até o pescador, já visse? Incrível que parece! Acredito que conhece, ah acredito que conhece porque, tem boto que chega, daqui ali ó mansinho, mansinho (Pescador Seu Guerrinha).

Sobre os botos é, os botos têm, dizem que tem aquela amizade com o pescador, eu já acho que o boto ele tá ali, para a sobrevivência,

agora ele tem uma inteligência sobre natural, por quê? Ele só vai trabalhar em lugares adequados, né, onde tá o pessoal, quer dizer, tem alguma ligação, né, não é à toa que tem dez homens aqui e o peixe vem, num exemplo, lá nos Molhes no pontal, o peixe tá vindo por aquele paredão, o boto não vai cercar ele lá, ele vai cercar o pessoal, então quer dizer, tem alguma ligação entre o animal e o homem, né, pra mim a perfeição do boto tá aí (Pescador Seu Barroso)

As narrativas da relação dos pescadores com os botos também são pautadas pela questão geracional: assim como os pescadores mais velhos são mais respeitados e consultados sobre assuntos de pesca, os botos mais velhos são reconhecidos pela sua experiência. Na classificação feita pelos pescadores os botos mais velhos trabalham melhor. Conforme eles, o boto quando está auxiliando na pesca cooperativa está trabalhando. É com a noção de trabalho que os pescadores definem os botos *ruins* e *bons*.

A maioria dos pescadores, como vimos em algumas de suas falas, admite que os botos mais velhos são os que cooperam mais e terminam preferindo esses botos, como o Escubidu e o Caroba.

Certo dia na praia da *Tesoura*, Araujo lino¹² questionou um dos pescadores sobre a razão de existirem botos *ruins* e *bons* num mesmo local e de ser assim há tanto tempo. O pescador rapidamente lhe disse que é a mesma coisa com pais e filhos humanos, pois uma pessoa boa e trabalhadora vai ensinar seus filhos a serem assim também, vai dar educação e, conseqüentemente, eles serão bons e trabalhadores.

Pautadas em algumas das falas aqui apresentadas, percebemos que nas narrativas a relação entre pescadores e botos configura uma parceria de trabalho. Essas identificações

12 Fátima Satsuki de Araujo lino, integrante da equipe de pesquisa do projeto “Educar, documentar e valorizar para Preservar: Pesca Artesanal com Auxílio dos Botos em Laguna/SC”.

podem ser ilustradas, por exemplo, quando os pescadores privilegiam, em seus relatos, certos botos em detrimento de outros.

Entretanto, essas narrativas não se restringem à esfera meramente do trabalho, a parceria se constitui em várias esferas referentes à vida: classificações estéticas, morais, afetivas, nominais que, em seu conjunto, espelham o *ethos* do pescador artesanal de Laguna. Assim, pescar com boto não é uma prática reservada unicamente à sobrevivência, como pode parecer numa primeira análise. Entretanto, em continuação, a situação se torna mais complexa: a pesquisadora Araujo lino nos conta que numa manhã de muita chuva conversando com o Seu Severiano, ele afirmou que a sensação de puxar uma tarrafa cheia é diferente com o auxílio do boto:

A sensação é mais forte! Quando tarrafeira ou pega peixe sem boto, os peixes não ficam com medo pulando, e quando tarrafeira com boto os peixes ficam com medo do boto, pulam mais e fazem mais força, por isso o pescador tem a sensação mais forte. Essa sensação é a que vicia! (Pescador Seu Severiano)

Nessa fala podemos perceber o fator da satisfação pessoal, para além do proveito financeiro. Portanto, não seria correto afirmar que a relação estabelecida seja exclusivamente de parceria de trabalho com o fim no ganho econômico. Esse aspecto dúbio é justamente uma das maiores riquezas dessa prática.



Imagem 38 | Pescador artesanal, Gegê tarrafando.



Imagem 39 | Pescador artesanal tarrafando.



Imagem 40 | Pescador artesanal tarrafando.



Imagem 41 | Pescador artesanal tarrafando.



Imagem 42 | Pescador artesanal tarrafando.

Parcerias entre os pescadores

A relação entre os pescadores também é composta de jocosidades, amizades, acordos e desentendimentos. O termo *parceiro* foi comumente ouvido por nós, tanto para designar equipes de pesca como para conotar amizades, afinidades. São parcerias estabelecidas antes, durante ou depois da pesca. Há aqueles que sempre chegam juntos nos pontos de pesca ou sempre estão na mesma embarcação. Há vizinhos, parentes e, obviamente, existem alguns que mal se cumprimentam. Eventos de confraternização entre eles foram presenciados durante a safra da tainha quando um dos pescadores fez aniversário e, nesse dia, observamos sua comemoração na praia da *Tesoura*: os pescadores reunidos ao redor de um churrasco. Eles afirmam que não há rotina de eventos planejados, mas que os encontros são permanentes.

Encontra a todo instante, mas é tudo espontâneo, não é que tenha como se reunir, é espontâneo, quando encontra um amigo na rua olha e tal, como é que tá a pesca, como é que tá o peixe, aqui tá bom, lá tá ruim, mas às vezes nem se fala em pesca, se fala em futebol, se fala outra coisa (Pescador Seu Dido).

A convivência entre os pescadores artesanais em Laguna está pautada pela experiência, pela habilidade de pescar muitos peixes de uma vez só:

(...) eu tenho essa. Essa, que eu digo a fama, ficou essa fama nem sei porque, foi por causa dessa emenda né a gente convivia com muita gente, mas pra pegar uma fama não é fácil né, tem que ser bom! (Pescador Seu Guerrinha)

Hoje você pode sair no pontal e perguntar para centena de pessoas qual foi a maior tarrafada do pontal dos últimos vinte anos, foi a minha! (Pescador Seu Barroso)



Imagem 43 | Confraternização de pescadores na *Tesoura*.



Imagem 44 | Pescadores puxando tarrafa cheia.



Imagem 45 | Pescadores ajustando a tarrafa.

Assim, observamos que as habilidades descritas são motivos de reconhecimento e de honra entre os pescadores. Esse comportamento revelado nas suas práticas e falas foi visto também na composição das equipes de pesca na praia da Tesoura. Os mesmos integrantes voltam a se agrupar por inúmeros motivos, entre outros, a honra é um deles. O reconhecimento de ser um bom pescador, um bom tarrafador ou um bom negociante são fatores relevantes na hora da constituição das equipes. Esse ponto é bem ilustrado na fala a seguir:

Severiano é meu parceiro né, pesca eu e ele, lá o outro lá, já tem três, quatro que pescam junto, quer dizer, é aquele que mais que pegar... a gente já pesca um bom tempo junto, é a parceragem que deu certo, eu e ele né, porque é difícil parceiro dar certo, sempre um tem mais do que o outro, um quer fazer mais do que o outro, por exemplo, eu tarrafeio melhor do que ele, porque na verdade ele é um pescador de barco aí fora, não tanto um pescador de lagoa, só que é um cara muito, ele trabalha bem, ele tem vontade de produzir bastante, quer pegar, quer pegar, pegar, então é um parceiro que dá certo então. Com a vontade dele e a minha sabedoria da lagoa dá certo. Vontade com a sabedoria! (Pescador Seu Barroso)

Pelas falas citadas, tanto Seu Barroso como Seu Severiano, parceiros na pesca, foram reconhecidos pelo grupo pelos seus feitos. O prestígio é referendado no cotidiano. Seu Barroso é lembrado como o pescador que fez a maior tarrafada do Pontal. O Seu Severiano, como liderança. É por isso que alguns pescadores sempre pedem sua opinião ou até permissão em assuntos de pesca e venda. Já Seu Guerrinha, conhecido como Mestre, traz inclusive referências familiares para se afirmar como pescador: “tá no meu sangue, meu pai, meu avô, era tudo pescador”. Se, por um lado, se pode resgatar a honra pautada na experiência de pesca, por outro, se faz pelas relações de parentesco.

Mercado do peixe

Quando se observa a *Tesoura*, principalmente nos dias de maio até meados de agosto, podem-se encontrar cenas protagonizadas por pescadores artesanais, tarrafas, tainhas e botos. Avistam-se também muitos carros estacionados, muitas pessoas caminhando e pescando ao longo da extensão dos molhes. O movimento é intenso principalmente nos fins de semana. Ao descer dos molhes para o nível da areia, nesses dias, percebe-se a movimentação de pessoas assistindo, fotografando e filmando a pesca artesanal com auxílio dos botos. São famílias, crianças, turistas nacionais e estrangeiros, jovens estudantes uniformizados, casais e alguns familiares dos pescadores, muitos deles ajudando na lida da pesca. Observamos também a comercialização dos peixes expostos em mesas, em barracas e no chão. São os próprios pescadores que se encarregam de fazer a negociação dos peixes recém-tirados da água, o peixe vivo. Essa negociação, muitas vezes, começa assim que o pescador sai da água. Com a tarrafa carregada de peixe, forma-se, ao redor, um aglomerado de pessoas tirando fotos, filmando e perguntando sobre preços e pesos dos pescados.

Devido a essa intensa movimentação de visitantes durante os finais de semana na *Tesoura*, a praia nesse período se organiza de forma diferenciada. Os pescadores criam espaços para venda, expondo seus peixes sobre os bancos que utilizavam antes para a pesca¹³, sobre engradados, sobre alguma pequena lona ou estendido no chão diretamente na areia, forma mais recorrente. A pesca continua acontecendo. As vendas ocorrem paralelamente. São exatamente as comercializações que ditam o ritmo diferenciado de sociabilidade no lugar.

13 Os bancos de ferro eram utilizados como plataformas submersas, os pescadores subiam neles e assim conseguiam um alcance maior na tarrafada. A utilização desses bancos foi proibida pela Polícia Militar Ambiental em abril de 2015, com a justificativa que esses poderiam machucar os botos e gerar um disputa desleal pelo peixe entre os pescadores, visto que a quantidade de bancos é menor que a de pescadores.



Imagem 46 | Peixes frescos.



Imagem 47 | Consertando peixe.



Imagem 48 | Frequentadores da praia.



Imagem 49 | Negociação do peixe.

Existem também alguns atravessadores, chamados pelos pescadores de *bombeiros*, eles compram os pescados em outros lugares e os posicionam na *Tesoura*, mais distante da água, usando aparatos menos improvisados, como balança e toldo para proteção do sol.

Comprovamos em nossa pesquisa, que o preço dos peixes na *Tesoura* é maior que os praticados em outros lugares da cidade. Ao questionar um dos pescadores sobre isso, ele não hesitou em responder que além de ser o único lugar da cidade onde se compra o peixe ainda vivo, o comprador tem o prazer de assistir a pesca, ver a tarrafada e fotografar o boto. Portanto, ao valor do peixe ali comercializado está agregada a possibilidade de assistir a pesca artesanal com auxílio dos botos. Ao conversar com algumas pessoas que compravam peixes ali, elas afirmaram saber que pagam mais, porém reiteraram que apenas na *Tesoura* o peixe é realmente fresco.

Pode-se afirmar que a venda de peixe nesses finais de semana é um momento no qual outras relações são estabelecidas. É quando os pescadores se encontram com a sociedade de Laguna e com os turistas que visitam a cidade. Uma sociabilidade que ultrapassa a relação de pescador com pescador e exige uma nova performance, na qual o sujeito pescador adota a postura de um sujeito vendedor.

A paisagem nesses dias é composta por pescadores, tarrafas, peixes vivos e visitantes. Mais que um lugar de praia, se assemelha a um mercado público de peixes ao ar livre: onde se pratica a barganha entre pescador e freguês e se privilegia a qualidade. Como toda barganha, existem estratégias de venda que pressupõem o *saber fazer* dessa prática. O objetivo do pescador é sempre vender mais de um peixe e nessa combinação conseguir um preço melhor (o valor da tainha é baseado no tamanho e em ter ou não ovas. Na *Tesoura* o preço oscila entre R\$ 10,00 a R\$ 40,00¹⁴).

14 Valores referentes à safra da tainha de 2015.

A combinação de peixes é um método de venda e de compra no qual os dois lados, vendedor e freguês, se entendem e desentendem. Quanto mais peixes houver na combinação, mais flexível será a negociação. Seu Severiano relatou que a combinação de peixes permite a compensação dos valores entre eles. O pescador tem consciência de que o preço de venda na *Tesoura* é um pouco mais elevado. A barganha está prevista. O pescador prevê que o primeiro valor será contestado, por isso procura a combinação. É o momento da negociação, na qual ele pode dar o desconto, que muitas vezes é apenas “para agradar o cliente”, como disse Seu Severiano. Agradar ao cliente, por sua vez, envolve entregá-lo limpo, ou *consertado*, como dizem os pescadores de Laguna.



Imagem 50 | Peixes frescos.



Imagem 51 | *Consertando peixe.*



Imagem 52 | O mercado do peixe.



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O campo do patrimônio cultural em Laguna

Antes de entrar na temática da educação patrimonial, um dos alvos escolhidos para o desenvolvimento do Projeto “Educar, documentar e valorizar para preservar: pesca artesanal com auxílio de botos em Laguna”, a fim de situá-la com maior clareza, é preciso apresentar sucintamente alguns temas muito caros ao campo do patrimônio cultural. O objetivo é pensar a cidade de Laguna como duas faces de uma mesma moeda. Visa-se problematizar o que se entende por patrimônio cultural quando o objeto prioritário da pesquisa são as práticas do cotidiano.

Existe um enfoque da cidade que perdura através de seus muros, ruas, arquiteturas e monumentos. Considerando o que resta de sua materialidade, talvez, de um passado glamoroso oculto ao passar dos anos. Uma perspectiva adotada de tempos idos pela esfera oficial, que evoca quem a governou, quais foram seus heróis e o que deveria se preservar.

Existem outros enfoques sobre essa mesma cidade que evocam àqueles que fazem e fizeram sua história, que dão sentido à(s) cidade(s), e que não ocupam precisamente um lugar de destaque no que se concebe como campo do patrimônio cultural.

No caso específico deste livro o objetivo prioritário foi pensar nos pescadores artesanais sob a singularidade da pesca com o auxílio dos botos. A pergunta que aflorou e não quis calar foi: qual é o lugar que eles ocupam em relação ao campo patrimonial ou, melhor ainda, existe algum lugar nesse campo também para eles?

Não custa lembrar o pensamento dos pescadores locais sobre essa questão: “Laguna é uma cidade de pescadores” ¹³. Esta sentença na voz dos pescadores, seria um dos rumos exploratórios, por nós priorizados, para avançar nos meandros dessa disputa e levantar

¹³ Frase do pescador Seu Latinha.

ainda uma nova questão: pois bem, de quem é então, Laguna? Talvez, para muitas pessoas essa questão pareça incongruente. Porém, revela a ideia de pertença e de apropriações identitárias, expressas no plano da linguagem do cotidiano e que abriga a ideia do que é, ou poderia ser considerado lagunense.

Assim, vemos que é possível pensar a cidade de Laguna sob essas duas faces do campo patrimonial: o lado do material, daquilo que é valorizado sem riscos de dúvidas por uma parte razoável da população, incluindo os órgãos governamentais, e composto por edifícios, igrejas e monumentos. E o lado do imaterial, terreno que não é precisamente consensual e que se traduz no âmbito das vivências e das práticas dos diferentes grupos sociais.

Quando se pensa nos pescadores artesanais em termos do lugar que eles ocupam no campo patrimonial, é necessário um consenso que garanta a continuidade ou sobrevivência dessas práticas. Acreditamos que não seja assim um terreno tão harmônico como se pode imaginar. Somente se transforma em consensual quando seus elementos característicos (pesca, botos, tarrafadas) terminam sendo objetos midiáticos. O patrimônio pode ser nesses termos pensado como bem de referência ou como recurso (Arantes, 2006). No contexto delimitado, entendemos que pesca artesanal com auxílio dos botos se torna mais um atrativo como recurso: a esperança de uma ascensão turística expressiva para o desenvolvimento do ramo da hotelaria, de restaurantes, de pousadas e do comércio em geral da cidade.

O falso dilema do patrimônio concebido como material ou imaterial

Nosso interesse por delinear a dinâmica desse campo de disputas baseia-se no sentimento de querer destrinchar lugares de sombra nele. Se o patrimônio cultural representa ou deveria representar a nação brasileira, constata-se que, de forma intermitente, sempre existiu uma relação tensa, de forças desiguais na hora de escolher e decidir quais as manifestações culturais representam patrimônio cultural brasileiro.

Sob a perspectiva cunhada pela desigualdade e aceita de forma hegemônica, deu-se prioridade, basicamente, para o reconhecimento do patrimônio material. Representado por estilos arquitetônicos de época, por monumentos louvando homens e datas históricas oficiais, por artefatos pertencentes aos homens tidos como ilustres pelos governos de turno e por museus depositários de todo tipo de artefatos (públicos ou do cotidiano) representando épocas gloriosas do Estado Nação. Assim, criam-se campos de penumbra para os fazedores desta mesma nação. Sem pretender reduzir a importância e riqueza do patrimônio material da cidade, as amostras patrimoniais e sua continuação são fiéis exemplos dessa realidade.

Testemunhos patrimoniais da cidade

Laguna possui uma familiaridade com a questão patrimonial e um explícito recurso histórico turístico. No ano de 1985, o Centro Histórico da cidade foi inserido no Livro Histórico e no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, por conta de sua importância arquitetônica, com inspiração açoriana e seu valor histórico. O perímetro desse Centro Histórico possui todo seu calçamento feito em paralelepípedos. Dentre as notáveis construções que o compõe estão: a Casa de Câmara e Cadeia, construção de 1735 e que desde 1949 abriga o Museu Histórico Anita Garibaldi, já citado na primeira parte deste livro. A Fonte da Carioca, com arquitetura luso-brasileira foi construída em 1863 e ampliada em 1906. A Casa de Anita, erguida em 1711 e restaurada em 1970, quando se tornou relicário histórico da trajetória de Anita Garibaldi. A Igreja Matriz de Santo Antônio dos Anjos, padroeiro da cidade, construída em 1696 para substituir a antiga capela de pau-a-pique. A Casa Pinto D'Ulisséa, datada de 1866 tem seu revestimento todo em azulejos portugueses. O Mercado Público, da década de 50, atualmente em processo de restauro. E o Cine Teatro Mussi inaugurado em 1950, passou recentemente por restauração, sendo reinaugurado no final de 2014. A maioria dessas edificações é aberta para visitas¹⁴.

14 Para mais informações sobre esses bens acessar: <http://www.laguna.sc.gov.br/pontos-turisticos.php> e <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/397/>



Imagem 53 | Vista do Centro Histórico.



Imagem 54 | Fonte da Carioca.



Imagem 55 | Cine Teatro Mussi.



Imagem 56 | Igreja Matriz de Santo Antônio dos Anjos e no canto direito a Casa de Anita.

Após essa sucinta, mas muito expressiva amostra do patrimônio material de Laguna, passamos à discussão central que guia o trabalho. Apresentaremos algumas contribuições de estudiosos que afirmam o erro conceitual do esfacelamento do bem patrimonial e das perdas incalculáveis quando se trata de homens e práticas do cotidiano, invisíveis para as políticas patrimoniais. Para isso, devemos esclarecer o que entendemos por bem patrimonial: uma noção de bem de referência cultural, pela qual se pressupõe a existência de sujeitos [de carne e osso] para quem as referências façam sentido (Fonseca, 2005).

O antropólogo Reginaldo Gonçalves (2005) afirma que a condição de materialidade faz parte da natureza do próprio bem patrimonial, sendo inverossímil pensar em patrimônio sem fazer referência a sua dimensão material. A condição de imaterialidade atribuída ao

bem patrimonial, conforme ele, seria a resultante de esforço de querer abrigar as formas do patrimônio que fogem à uma definição convencional, ou seja, que não são monumentos, edifícios, espaços urbanos, objetos, entre outros. Nesses termos, o bem como natureza imaterial poderia ser pensado como forma residual do material. Se, por um lado, o autor é taxativo em relação ao uso desses termos, por outro, defende que o bem patrimonial transita entre ambas as dimensões. Relacionado à coexistência, a nosso ver, das duas naturezas, material e imaterial, atribuídas ao bem patrimonial. Esse ponto será depois ilustrado quando desenvolveremos nossa proposta de articular o que evocam as imagens fotográficas com os termos referenciais para os distintos sujeitos das evocações das imagens.

O arquiteto Eduardo J. F. Castells (2012) na sua reflexão sobre essa hierarquia conceitual do campo patrimonial, foca nos bens patrimoniais situando sua análise na cidade formal, arquiteturas e/ou monumentos oficiais, a face ilustre. Ele afirma que ao pensar a cidade, suas arquiteturas e os equipamentos urbanos que a constituem [parques, passeios, bancos, fontes, luminárias, cores, etc.], além de serem expressões materiais de formas e configurações de espaços, também são portadores de significados e suportes geradores de identidades, sentimentos e imaginários que correspondem à ordem do patrimônio imaterial.

As colocações de Castells (2012) nos permitem pensar a cidade informal, no que diz respeito a suas construções, como são os trapiches dos pescadores fotografados massivamente pelos jovens oficinistas, e que em termos arquitetônicos não são aceitos nem como respostas científicas, nem como arte, nem como técnica, nem como beleza. Se quiséssemos descrever esses trapiches, diríamos que são um misto de reciclados, um tipo de palafitas, de alta criatividade de seus próprios construtores, donos e usuários. São lugares por excelência da vida do pescador e de sua família. O que resulta sempre em novos questionamentos para entender o que seja patrimônio. Os trapiches, como construções materiais que não evocam estilos arquitetônicos, nem lhe são atribuídos tipos de beleza convencional, expressam identidade para a comunidade de pescadores? Objetos como

barcos, redes, tarrafas, trapiches sintetizam ou evocam algum tipo de reconhecimento para essa comunidade?

Na esfera política essas duas faces, material e imaterial, constituem-se de várias formas na história patrimonial, sinal de que elas mascaram e/ou evocam fatores discordantes.

A antropóloga e arquiteta Alicia N. G. Castells (2010) explicita que, na etapa caracterizada como de pedra e cal no Brasil, somente os bens culturais materiais, edifícios arquitetônicos que se destacaram por seu valor único e excepcional, eram considerados bens patrimoniais. A produção pertencente aos grupos populares não era contemplada, nem digna de ser preservada.

Entretanto, corroborando com o que já se falou da disputa material - imaterial, a autora agrega que o patrimônio material representado por monumentos, palácios, igrejas, cidades, centros históricos, entre outros, expressam uma posição hierárquica destinada à cultura, sendo legitimados pelos governos como símbolos incontestáveis dos patrimônios nacionais e representantes unívocos de seus grupos hegemônicos. Revela também que essa visão hegemônica foi revista pela Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO), optando-se por um enfoque mais antropológico no registro e na documentação dos testemunhos culturais das distintas culturas.

Nesse viés de registro e documentação antropológica delineada pela UNESCO, nos interessa resgatar os objetivos propostos para as oficinas de educação patrimonial deste projeto. As oficinas têm grande importância quando se pretende conhecer, além do discurso, as categorias nativas da comunidade alvo. Como afirma Koury (1999:66), fotografias podem nos contar “histórias ou estórias que outros nos contam.” Em nosso caso são histórias e estórias sobre a pesca artesanal em Laguna, através dos olhares e percepções dos jovens oficinistas, revelando categorias e referenciando a materialidade e a imaterialidade dessa prática, os saberes e fazeres que a envolvem.

O espelho da imagem na questão patrimonial

O Projeto “Educar, documentar e valorizar para preservar: pesca artesanal com auxílio dos botos em Laguna” contou com duas oficinas destinadas a 45 jovens das comunidades pesqueiras da localidade, são estudantes do ensino fundamental II e ensino médio. Foram selecionados e indicados pelo Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/ Vila Vitória. Uma oficina foi de audiovisual, ministrada pela produtora Projeto Pangéia Documentários. A outra foi de fotografia, ministrada pelo fotógrafo Ronaldo Amboni. Como relatado no prefácio as oficinas objetivaram a sensibilização dos participantes frente à manifestação cultural, a valorização dos pescadores artesanais e o fortalecimento do canal de transmissão de conhecimentos entre os detentores do saber e as futuras gerações. Para tanto, os jovens participaram de intervenções sobre educação patrimonial e contextualização da temática em questão, conduzidas pelos coordenadores e idealizadores do Projeto os arquitetos Fabrício Rocha da Silva e Wellington Linhares Martins. Os alunos realizaram passeios pela cidade com o fotógrafo Ronaldo Amboni e foram instigados a fotografar tanto no passeio, quanto em suas próprias casas.

A produtora do Projeto Pangéia Documentários envolveu os alunos na produção do documentário, os jovens participaram da captação das imagens, dos áudios, das gravações dos depoimentos dos pescadores e puderam manusear câmeras e microfones. Juntamente com o fotógrafo e a equipe da produtora, os alunos fizeram também uma saída de campo pela Lagoa de Santo Antônio dos Anjos na embarcação da Polícia Militar Ambiental. A ideia era fotografar e captar imagens a partir da Lagoa, que para eles (jovens lagunenses) representassem a prática da pesca artesanal com auxílio dos botos.

Entre as fotos por nós selecionadas para o desenvolvimento do trabalho estão as da oficina de fotografia, dos integrantes da equipe de pesquisa, do projeto e do fotógrafo profissional Ronaldo Amboni, que inclusive figuram na capa e contracapa. Elas retratam, a nosso ver, a

ideia de (in)dissociabilidade do bem patrimonial defendido por Castells (2010).

A foto da capa enquadra a Lagoa Santo Antônio dos Anjos em Laguna e apresenta imageticamente dois planos para análise: um no nível da água e outro, da terra. No primeiro plano, vemos duas embarcações com pescadores embarcados, de costas à câmera do fotógrafo, dirigindo seus olhares para o centro velho da cidade. Evoca-se a representação do cotidiano e também do anonimato. No segundo, encontra-se o edifício do Mercado Público rodeado por outras construções da cidade. Neste último, evoca-se a ideia do oficial, do histórico e da memória coletiva depositada nesse tecido urbano e nessa construção com resquícios de vidas passadas. Atualmente em fase de restauração pelos órgãos competentes, essa construção ocupa um lugar no campo patrimonial de Laguna. Cabe ressaltar que na composição do cenário retratado pelo fotógrafo, apresenta-se uma paisagem muito familiar dos lagunenses: a da pesca na lagoa.

É importante destacar que essa foto de capa, se reproduzida numa escala nacional ou internacional, os homens continuariam anônimos e as embarcações também. Porém, os pescadores e suas embarcações, as edificações e a mata verde do morro, compõem para os outros, para os de fora da cidade, uma paisagem da cidade de Laguna preste a imaginar, a desejar. Já para os moradores lagunenses, além do reconhecimento da paisagem característica da lagoa, formada por construções históricas, embarcações, homens e botos, todos atrás da captura do peixe, essas peças do retrato podem ter lembranças, nome e atributos. Os pescadores podem ser parentes, podem ser reconhecidos pelas suas proezas. As embarcações identificadas pelas suas cores, tipos e nomes. Os botos pelos seus circuitos na lagoa, pelas suas marcas e pelo seu *trabalho*. Os edifícios carregados de histórias. Em síntese, o cenário retratado no âmbito do material faz sentido para os moradores locais também no âmbito do imaterial: evoca vivências, lembranças, emoções, histórias e estórias. A configuração da paisagem retratada na foto já é uma paisagem cultural. Ela retrata um bem de referência cultural do lagunense expondo a dimensão material que, por sua vez, evoca a dimensão imaterial.

A partir do nosso pressuposto, de que as imagens podem retratar bens de referências culturais, bens tidos como patrimoniais dessas comunidades, foi feito, nesses termos, um levantamento das fotografias resultantes da oficina. O intuito era a identificação dos temas escolhidos e a verificação da recorrência ou não das categorias nativas identificadas junto aos pescadores artesanais, trabalhadas no segundo capítulo. A ideia foi fazer um cruzamento entre as categorias evocadas nas imagens fotográficas na oficina e as categorias surgidas dos depoimentos dos pescadores artesanais. É bom não esquecer: quando se fala em bens de referência cultural deve haver reconhecimento desses mesmos bens entre seus pares. Ou seja, a nossa proposta de articular dois tipos de discurso, oral e visual, pressupõe que as categorias identificadas devam ter ressonância entre elas (Gonçalves, 2005).

No levantamento das fotos dos jovens oficinistas observamos que fora retratado o cotidiano da pesca e que houve diálogo com as narrativas colhidas dos próprios pescadores. Foram identificados elementos presente na arte de ser pescador; do conhecimento e produção das *artes de pesca*; dos segredos da natureza; do enfrentamento das intempéries climáticas; da valorização dos trapiches; da lida da pesca na *Tesoura*; das parcerias entre pescadores e deles com os botos.

Para os pescadores, como demonstrado, uma das condições para se tornar pescador artesanal é entender das *artes de pesca*. Pescadores remendando ou fazendo suas tarrafas e redes foram fotografados dos pelos jovens. Mãos *consertando* peixes também figuram entre os elementos que podem representar a pesca artesanal em Laguna. A participação feminina foi motivo de representação. O que nos confirma, por um lado, a presença da mulher na pesca, por outro, que seu trabalho é reconhecido pela comunidade pesqueira.

Os pescadores artesanais com os quais conversamos para esta pesquisa nos relataram os enfrentamentos que seus corpos são submetidos. Algumas fotografias demonstraram que esses desafios são reconhecidos pelos jovens lagunenses. Há o registro imagético do

tempo e da corporalidade do pescador na prática da pesca tradicional.

Um dos elementos muito presente nas fotografias foram os trapiches. Em Laguna, como vimos, esses locais servem também de lugar de sociabilidade entre pescadores. Essas construções e as diversas atividades que nelas ocorrem foram exaltadas nas fotografias e registradas de muitos ângulos e focos.

Entre as imagens retratadas pelos oficinistas, inclusive àquelas com legendas¹⁵, embora nem todas constem no presente livro, revela-se a identificação dos jovens com a tradição das práticas artesanais e com o nível de parceria que exigem. Estes são alguns dos exemplos da aproximação entre a representação dos jovens oficinistas e dos detentores do saber, no caso, os pescadores.

O discurso da imagem

A oficina de educação patrimonial obteve resultados muito positivos para conhecer o estado da arte da pesca artesanal com auxílio dos botos. E permitiu identificar a continuidade do conhecimento adquirido através das vivências de várias gerações de pescadores, como testemunhado no cruzamento de depoimentos e imagens dessas vivências. Das imagens retratadas nas sequências pode-se afirmar que as vivências do entorno sócio-espacial dos pescadores artesanais (saberes e fazeres) fazem parte também do cotidiano das novas gerações dessa comunidade. Elas fazem sentido para esses jovens. Suas percepções traduzidas nas imagens fotografadas são mostra desse compartilhamento comum da realidade.

Em síntese, desde os detentores dos saberes que produzem essa prática, dos mediadores que intercedem ante as políticas culturais, das forças do mercado que usufruem através da indústria do turismo, entre outras, a prática analisada pode ser pensada como um bem de patrimônio imaterial local.

¹⁵ As legendas feitas pelos alunos, quando existirem, serão apresentadas em *fonte itálica*. Em cada foto constará o nome do aluno que a registrou.

Sequência fotográfica 1 | Cenas da cidade.



Ana Maria da Silva Moraes



Ramon Constante de Moraes



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes

Sequência fotográfica 2 |**Vista dos trapiches desde a água. Bairros Ponta das Pedras e Vila Vitória.**

A vila dos botos - Tatiana Oreano da Rosa



Ponta das Pedras e a bela vista do mar - Tatiana Oreano da Rosa.



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes

Sequência fotográfica 3 |

As embarcações dos pescadores tradicionais sob os trapiches.



Deise dos Santos Estevão



Deise dos Santos Estevão



Luana Oliveira



Deise dos Santos Estevão



Deise dos Santos Estevão



Deise dos Santos Estevão



Deise dos Santos Estevão

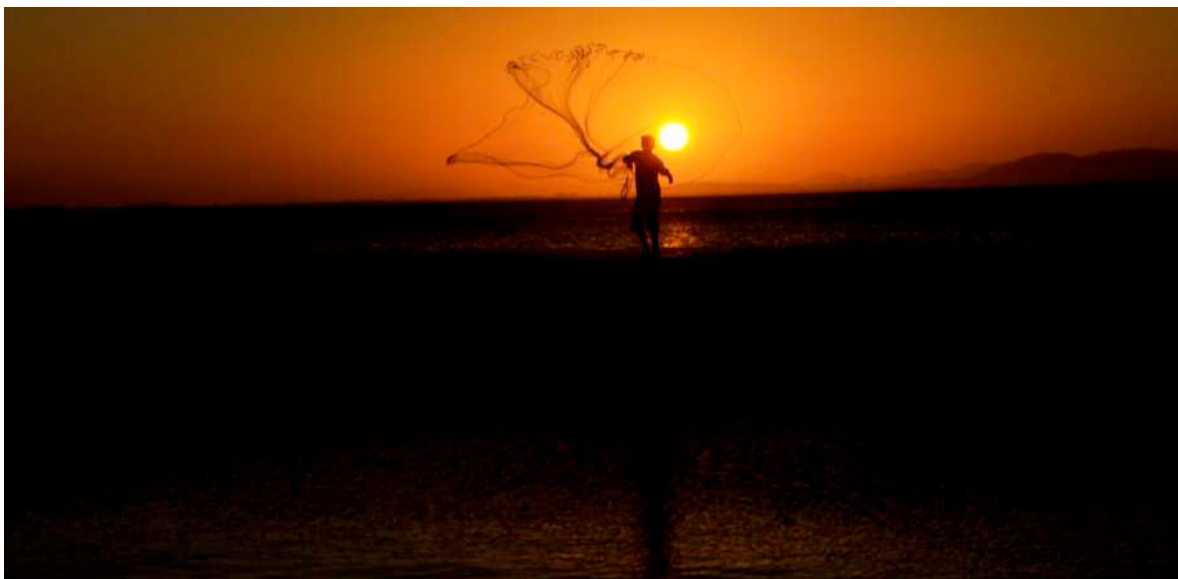


Deise dos Santos Estevão

Sequência fotográfica 4 | Pescadores, bateras, botes e tarrafadas.



O pescador – Everson Roque



A Arte de Tarrafar – Everson Roque



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes



Charlistown Willian Nascimento Vieira



Luana Antunes Motta



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes



Ana Maria da Silva Moraes



Daiani dos Santos Estevão



Bruna Camilo Teodoro

Sequência fotográfica 5 |

A arte da pesca sobre a dança das águas na Lagoa de Santo Antônio dos Anjos .



Em busca do sustento - Tatiana Oreano da Rosa



Lucas Marinho Fortunato



Lucas Marinho Fortunato



Lucas Marinho Fortunato



A pulada do boto - Lucas Marinho Fortunato

Sequência fotográfica 6 | Pescadores dentro e fora das águas da *Tesoura*.

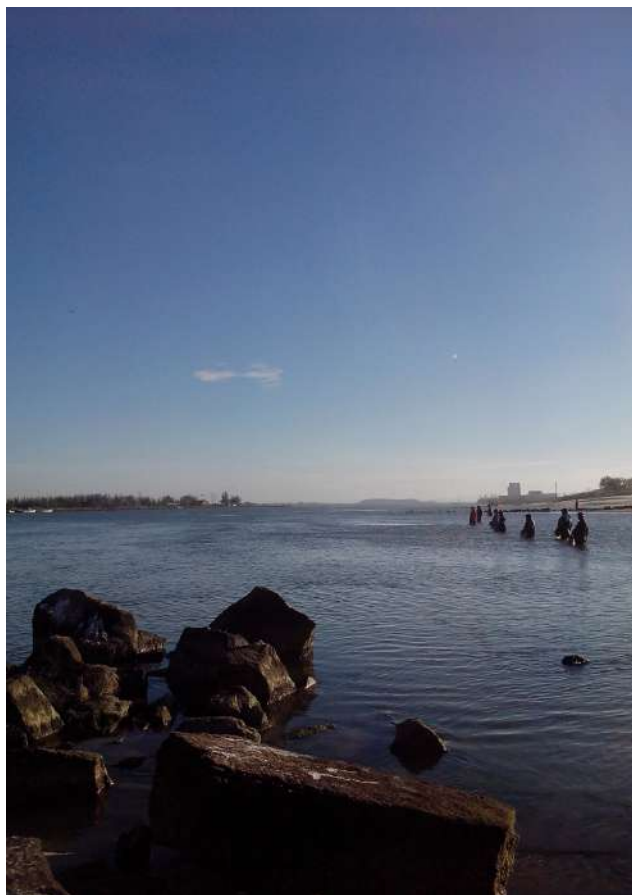
Ana Paula Ribeiro



Ana Paula Ribeiro



Maria Eduarda Medeiros Michels



Ana Paula Ribeiro



Ana Paula Ribeiro

Sequência fotográfica 7 | O corpo do pescador na lida da pesca artesanal.

Isabelle Caroline Alves de Mello



Isabelle Caroline Alves de Mello



Isabelle Caroline Alves de Mello

Sequência fotográfica 8 | Atividades da pesca na *Tesoura*.

Ana Maria da Silva Moraes e Bárbara da Silva Teodoro



Ana Maria da Silva Moraes e Bárbara da Silva Teodoro



Ana Maria da Silva Moraes e Bárbara da Silva Teodoro



Ana Maria da Silva Moraes e Bárbara da Silva Teodoro



Ana Maria da Silva Moraes e Bárbara da Silva Teodoro



Ana Maria da Silva Moraes e Bárbara da Silva Teodoro



Ana Maria da Silva Moraes e Bárbara da Silva Teodoro



Ana Maria da Silva Moraes e Bárbara da Silva Teodoro

Sequência fotográfica 9 | Etapas da pesca artesanal.

A pesca- José Antônio Fortunato Rosa



Ajuda - José Antônio Fortunato Rosa



Aquecendo o motor- José Antônio Fortunato Rosa



O pescador - José Antônio Fortunato Rosa



Entre as pedras - José Antônio Fortunato Rosa



Entre as pedras 2 - José Antônio Fortunato Rosa



Tirar os peixes - José Antônio Fortunato Rosa



Hoje a pesca foi boa - Tatiana Oreano da Rosa

Sequência fotográfica 10 | O Cru e o cozido.

Charlistown Willian Nascimento Vieira



Charlistown Willian Nascimento Vieira



Luana Fortunato da Rosa



Luana Fortunato da Rosa



Luana Fortunato da Rosa



Luana Fortunato da Rosa



Luana Fortunato da Rosa



Do mar direto para mesa - Nayara Oreano Rosa

Sequência fotográfica 11| Artes de pesca.

Arte de pescar - Tatiana Oreano da Rosa



Charlistown Willian Nascimento Vieira



Deise dos Santos Estevão



Diana Vieira da Rosa



Arte de pesca - Nayara Oreano Rosa



Tarrafa de elite - Jeyel Trindade Ribeiro



Samantha Pacifico Machado



Luiz Henrique da Silva Moraes



Luana Fortunato da Rosa



Luiz Henrique da Silva Moraes



Tatiana Oreano da Rosa



Keila de Andrade Fortunato Rosa

Sequência fotográfica 12 | Fragmentos de paisagens do Complexo Lagunar.

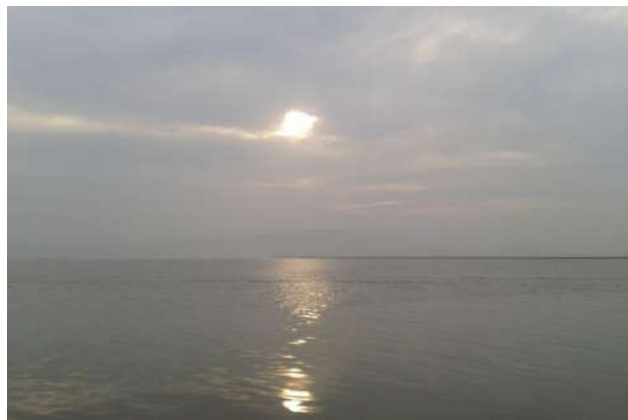
A volta pra casa – Everson Roque.



A Natureza - Jose Antônio Fortunato Rosa



Lagoa Santo Antônio ponto de pesca - Nayara O. Rosa.



Luiz Henrique da Silva Moraes



Últimos Raios - José Antônio Fortunato Rosa



Ana Maria da Silva Moraes.



Cavaleiro - Jose Antônio Fortunato Rosa



Docas - Daiani dos Santos Estevão



Terra - Jose Antônio Fortunato Rosa



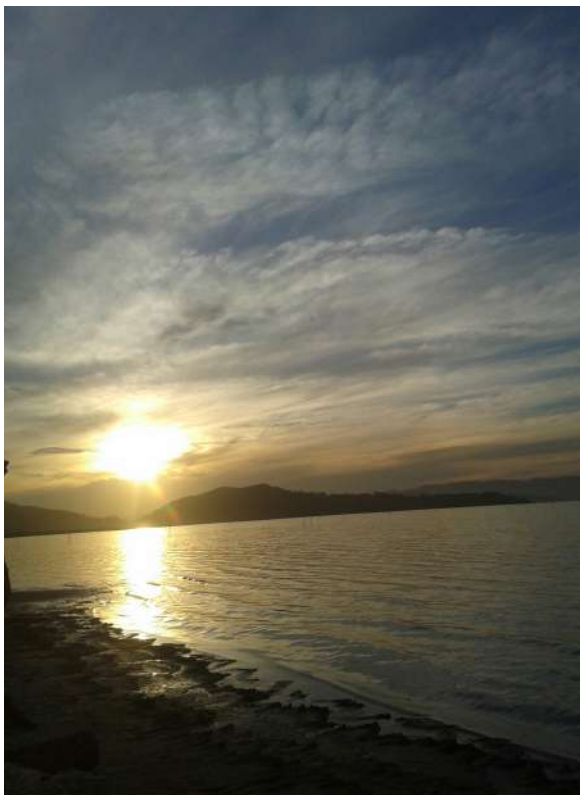
O mar - José Antônio Fortunato Rosa



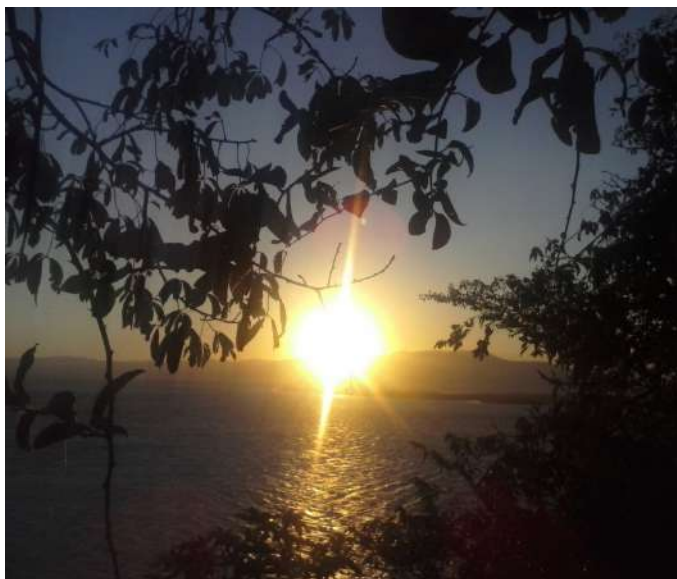
Maria Eduarda Medeiros Michels



Ângela Regina Galvão



Luana Mota



Luiz Henrique da Silva Moraes



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesca artesanal com o auxílio dos botos em Laguna está para além de uma prática comercial, embora a noção de trabalho lhe seja central. Ela nos fala sobre homens que, gerações após gerações, se relacionam com o mar construindo uma prática social abrangente, irradiando desde o pequeno círculo de pescadores até o grande círculo de turistas que assistem à *performance* da atividade e da venda do pescado. Ela nos mostra a relação dos pescadores com o território que ocupam e a construção de suas próprias identidades a partir de suas visões sobre os botos.

Esse *saber-fazer* está imbricado socialmente envolvendo um conhecimento herdado e reelaborado a partir de cada sujeito. O acesso às histórias, às vivências, às narrativas dos pescadores permitiu identificar as principais categorias comuns ao grupo e selecionar o material etnográfico e fotográfico que compõe este livro. Foi possível verificar que a relação do pescador com o boto está pautada numa afetividade complexa, que passa pelo conflito, pela parceria e até pela comparação. Há momentos de hierarquia e há momentos de igualdade permeando a relação pescador-boto.

Os relatos nos permitem afirmar que a prática é antiga, típica do universo masculino e diurna. As redes, tarrafas e pequenas embarcações são produzidas na localidade, caracterizando ainda mais a cidade como uma “área de pescadores”. Num dado momento, a pesca com o auxílio de botos foi apropriada para a construção de uma identidade açoriana para a cidade. Atualmente, há incentivo principalmente da administração local para a divulgação da prática, com vistas principalmente ao turismo.

A pesca artesanal com o auxílio dos botos é um caso de integração do homem com o meio em que está inserido, com o mar e os animais, que desperta interesse, além de outras questões, pelo contexto atual que vivemos e pela necessidade de exaltar as possibilidades

de práticas econômicas capazes de conviver de forma saudável com o meio ambiente. Além disso, a pesca atraiu olhares por sua dimensão patrimonial imaterial, em contraponto com uma cidade reconhecida pela materialidade de seu acervo patrimonial.

Não resta dúvida que a pesca artesanal com o auxílio dos botos é uma expressão da cultura local embevecida de valor histórico, simbólico e estético, caracterizando-se como um patrimônio cultural imaterial Lagunense.



Imagem 57 | Pesca artesanal com auxílio dos botos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Revista de Antropologia*, São Paulo USP, v. 43 n. 1, 2000.

ARANTES, Antonio. O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana. *Habitus*, Goiânia, v.4 n1, p. 425-435, jan/jun.2006

CADORIN, Aldicio. *Laguna Terra Mater* – Dos Sambaquis à República Catarinense. Blumenau: Nova Letra, 2003.

CASTELLS, E.J.F. Patrimônio em questão: o tangível e o intangível no patrimônio de uma cidade histórica. In: CASTELLS, A. N. G. ; NARDI, L. *Patrimônio cultural e cidade contemporânea*. Florianópolis: EdUFSC, Coleção Urbanismo Arquitetura da Cidade, 2012.

CASTELLS, A.N.G. La inmaterialidad del mundo de los sectores subalternos. In: HERNANDEZ LÓPEZ, Jose de Jesus; ROTMAN, Monica B. ; CASTELLS, A. N. G. *Patrimonio y cultura em América Latina*: Nuevas vinculaciones con es estado, el mercado y el turismo y sus perspectivas actuales. 1º. ed. Guadalajara: Acento Editores/Alfredo Gutierrez R., 2010, v. 01.

CLAUZET, Mariana ; RAMIRES, Milena. ; BARRELLA, Walter . Pesca Artesanal e Conhecimento Local de duas Populações Caiçaras (Enseada do Mar Virado e Barra do Una) no Litoral de São Paulo, Brasil. *Multiciência (ASSER)*, Campinas/ SP, v. 4, p. 1-22, 2005.

FONSECA, Maria C. L. *O patrimônio em processo*: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Minc – IPHAN, 2005.

GERBER, Rose Mary. *Mulheres e o Mar* - Pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, Sul do Brasil. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015. v. 1. 313p.

GODOLPHIM, Nuno. A Fotografia como Recurso Narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre UFRGS, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre UFRGS, ano 11, n. 23, p. 15-36, 2005.

HANAZAKI, Natalia. Ecologia de caiçaras: Uso de recursos e dieta. In: RAMIRES, Milena; Guerra Molina, Silvia Maria; Hanazaki Natalia. Etnoecologia caiçara: o conhecimento dos pescadores artesanais sobre aspectos ecológicos da pesca. *Revista Biotemas*, Florianópolis UFSC, v. 20, 2007.

HERNANDEZ LÓPEZ, Jose de Jesus; ROTMAN, Monica B. ; CASTELLS, A. N. G. *Patrimonio y cultura em América Latina*: Nuevas vinculaciones con es estado, el mercado y el turismo y sus perspectivas actuales. 1º. ed. Guadalajara: Acento Editores/Alfredo Gutierrez R., 2010, v. 01. 318p.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Imagem e Narrativa - Ou, Existe um Discurso da Imagem? . *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre UFRGS, v. 5, n.12, p. 59-68, 1999.

LACERDA, Eugenio Pascele. *O atlântico açoriano*: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

MALDONADO, Simone Carneiro. *Mestres e Mares*. Espaço e Indivisão na pesca marítima. São Paulo: Annablume, 1994.

MCCAY, B. J. (1978) Systemsecology, peopleecology, and theanthropology of fishingcommunities, Human Ecology. vol. 6(4): 397-422. In: Cristina Adams. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Revista de Antropologia*, São Paulo USP, v. 43 n. 1, 2000.

MORAES, S. C.. Origem das colônias de pescadores. *O Liberal, Caderno atualidades*, p. 2, 12 abr. 2015.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. Estado, Pescadores e Desenvolvimento Nacional: da Reserva Naval à Aquícola. *Ruris*, Campinas, v. 8, p. 31-62, 2014.

RAMIRES, Milena.; MOLINA, Silvia Maria Guerra ; HANAZAKI, Natalia . Etnoecologia Caiçara: o conhecimento dos pescadores artesanais sobre aspectos ecológicos da pesca. *Biotemas*, Florianópolis UFSC, v. 20, p. 101-113, 2007.

SANTOS, Silvio Coelho dos. *Nova história de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

Sites consultados:

<http://www.laguna.sc.gov.br/historia.php>.

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/397/>

<https://anitagaribaldi.wordpress.com/tag/laguna>

<http://www.dicionarioinformal.com.br/trapiche/>

Os Botos da Laguna e suas Curiosidades

Não se tem precisão de quando começou a pesca com o auxílio do boto em Laguna. Sabe-se que é secular. Os pescadores mais antigos dizem que por volta de 1930 já existiam botos velhos como: Judeu, Fandango, Chinelo, Rampeiro, Alumínio, Cego, Boto Branco, Crise Grande, Crise Pequeno. Daí pra diante os botos foram se multiplicando. Vieram o Miranda, Gavião, Latão, Gavião, Tangará, Dolores, Pombo e Tibio.

A cada ano de 3 a 5 novos botos habitavam a lagoa. A partir da década de cinquenta os botos mais antigos foram desaparecendo misteriosamente, e surgindo os mais novos como: Galha Torta, Galha Cortada, Marusca, Prego, Riscadeira, Juscelino, Lata Velha, Bate-Cabeça, Inrilha e Tramandai. Hoje, somente vinte e dois botos trabalham nos pontais junto aos pescadores. São eles: Caroba, Avalanche, Scooby, Chega-Mais, Madala, Cabide, Botinha do Rio, Figueiredo, Índio, Ligeirinho, Pirulito, Andorinha, Táxi, Borracha, Araranguá, Isaura, Meleca, Sacolão, Botinha do 19 e Princesa. Quatro novos botinhos nasceram no começo do ano. Filhos de Figueiredo, Chega-Mais, Botinha do Rio e Borracha. Porém, o que mais preocupa são as redes colocadas ao longo do Rio Tuvaão, que já mataram nos últimos dez anos botos como Galha Torta, Latinha, Tafarel, Rampineli, Balalu e outros recém-nascidos, sem serem batizados.

Quem deu a luz a quem: Tanguinha era filho de Tangará. Inrilha filho de Dolores, Caroba, Chega-Mais, Figueiredo e Botinha do Rio filhos de Inrilha, Bate-Cabeça, Scooby, Madala e Latinha filhos de Lata Grande, Sacolão e Tafarel filhos de Latinha, Figueiredo e Borracha filhos de Tafarel, Isaura filho de Tramandai, Botinha do 19 filho de Araranguá, Inrilha filho de Piscadeira, Prego e Juscelino, Galha Torta, Rampeiro, e Fandango de Gavião.

Os botos da lagoa são identificados como boto-ruim e boto-bom. Os ruins são aqueles que não se aproximam da costa e os bons são os que auxiliam os pescadores nos diversos pontos de pesca. Mas, acredita-se que em muito breve não haverá botos trabalhando na costa, pois as inúmeras embarcações a motores perseguem os botos levando-os para as partes mais fundas, onde é impossível ir por terra. Segundo pescadores dos inúmeros pontos de pesca onde se pescava por terra, somente três ainda é possível ficar lado a lado com o boto. Os pontos mais críticos e menos respeitados onde as embarcações atropelam e afugentam os botos da costa são: Arcal e Arrebentação. Já foram feitas várias denúncias a Colônia de Pesca e Polícia Ambiental, mas providência nenhuma foi tomada. As embarcações por sua vez, na maioria, não tem registro na Capitania dos Portos e são dirigidas por pescador amador e às vezes até menores de idade.

Cabe então a estes órgãos responsáveis fazer uma fiscalização rigorosa, antes que o símbolo de Laguna desapareça de vez.

Pesquisa feita por: Dido Morais

Colaboradores: Euclides Nunes (Tido Pescador), Verli Previ (Tabaco), Emi (Pão-de-Gelo) e João da Belinha (Latinha).

Os Botos da Laguna e suas Curiosidades - Parte II

O Botinho quando nasce, acompanha a mãe até aproximadamente três anos. Dai então ele já está pronto para se virar sozinho. Bem familiarizado com os pescadores, e sabendo todos os truques e manhas da pesca em parceria, começa a ser identificado com vários nomes, e aos poucos é batizado com o seu nome definitivo.

O nome é dado pelo próprio pescador, que pode ser um acontecimento em evidência na época, ou pelas características de como ele trabalha.

Dos botos mais antigos pouco se sabe a origem dos nomes. Mas vai aqui alguns que se pode apurar. **Judeu** era um boto muito egoísta, que quando cercava o peixe não deixava outro boto se aproximar. **Aluminio** era um boto muito claro, assim como o **Boto Branco**. O **Gavião** costumava rasgar as tarrafas para roubar os peixes. Já o **Galha Torta** tinha a galha (barbatana), ligeiramente voltada para o lado. **Marusca** era uma marca de cigarro da época. **Juscelino** era o presidente do Brasil. **Inrilha**, numa gíria. Quando alguém não gostava de alguma coisa, dizia-se: "*é assim e não enrilha*". **Caroba**, por ser um boto muito escuro, lembrava uma madeira do mesmo nome. **Tafarel** foi uma homenagem ao goleirão do Tetra. **Avalanche** é um boto muito arto, arto quando cerca o peixe, assim como o **Ligeirinho**. **Scooby** lembra o personagem do desenho. **Chega-mais** e **Mandala** nasceram quando a Rede Globo estava passando estas novelas. **Figueiredo**, homenagem ao ex-presidente do Brasil. **Sacolão**, só trabalha quando quer. **Rampineli**, batizado pelos pescadores por gratidão a um fazendeiro da região, chamado Alô Rampineli. **Táxi**, percorre diariamente todos os pontos de pesca, mais não fica por muito tempo em nenhum. **Princesa**, por ser um boto muito bonito e **Pirulito** por ser o mais feinho da Lagoa.

Para os pescadores artesanais que pescam de tarrafas, o boto é um filho a mais. Mas por questão de ciúmes, não se sabe de que lado, tempos atrás mataram com uma estocada o boto mais antigo da lagoa. O boto conhecido como **Chinelo** nasceu em 1915 e morreu nos anos 90. Os pescadores da Ponta das Pedras dizem que foram os pescadores de Campos Verdes, e vice-versa.

Acredita-se que um boto possa viver até 80 anos. Normalmente são mortos, presos em redes, mas também depois de uma certa idade, sem saber a origem de alguns botos adoecem, aparecendo umas parasitas, que pouco a pouco vai alastrando pelo corpo até levar a morte.

Todas as redes de televisões brasileiras já fizeram algumas reportagens sobre a pesca com o auxílio dos botos em Laguna. Também redes de televisões americanas, inglesas, francesas, e a mais recente National Geographic do Japão já fizeram seus documentários a respeito. Tartaruga Marinha, Peixe-boi, Mico-leão, Baleia Franca, são todos protegidos por algum órgão, nacional ou internacional. Enquanto nosso maior patrimônio, que é o boto, nunca sequer foi protegido ou estudado por um órgão municipal.

De 09 a 12 de setembro Laguna sediará o encontro de líderes do **Projeto Baleia Franca**. Não sou contra, mas nossas autoridades têm que saber que as baleias são do mundo, nos visitando uma vez por ano, ficando no máximo um mês. Enquanto, se Deus quiser, nossos botos são eternos! Por favor, olhem para o oceano, mais não esqueçam da Lagoa Santo Antônio dos Anjos.

Pesquisa feita por: Dido Morais

*Colaboradores: Euclides Nunes (Tido Pescador), Verli Previ (Tabaco),
Emi (Pão-de-Gelo) e João da Belinha (Latinha).*

GLOSSÁRIO DE TERMOS USADOS PELOS PESCADORES

Artes do mar, artes de pesca – tarrafas, redes, aviãozinho, utensílio que usam para pesca.

Aviãozinho – armadilha para pescar camarão.

Balanço – movimento que o pescador faz com o corpo para jogar a tarrafa.

Barganha – negociação entre pescador e comprador do pescado em torno do preço do peixe ou do combo de peixes.

Batera – pequena embarcação, menor que um bote, e com motor menos potente. Não se pode ir para o mar com ela, apenas ficar em lagoas, não se consegue também pescar com redes.

Bombeiro – atravessadores que compram o peixe no final do dia, por um preço reduzido e vendem pra restaurantes e peixarias.

Bote – embarcação pequena, com um motor com média potência. É possível adentrar no mar com ela, mas não em mar muito revolto, e permite a realização da pesca com rede.

Boto bom – boto que coopera na pesca, que “trabalha”, como eles dizem.

Boto ruim – boto que não coopera, não “trabalha”.

Combo – combinação de mais de um peixe para venda. É uma estratégia para vender mais.

Consertar o peixe – limpar o peixe.

Cola – rabo do peixe ou do boto.

Defeso – período de proibição da pesca, para proteção da reprodução ou recrutamento de cada espécie. Nesse período, o pescador recebe o *seguro defeso*, no valor de um salário mínimo.

Desmalhar o peixe – tirar o peixe da rede e fazer filé.

Esganação – ambição, ganância.

Espera – lugar onde o pescador fica esperando o sinal do boto para tarrafeiar.

Folia – quando botos brincam para acasalar.

Matar o peixe – pescar.

Parceria – grupo de 3 ou 4 pescadores que ocupam a mesma vaga, normalmente os grupos são feitos na hora, mas há uma frequência e preferência.

Peixe cavalo, peixe mamulo – peixe grande.

Pipoquinha – tarrafa pequena.

Quadra – quantidade de dias com o mesmo vento, sem mudanças bruscas, sem ventos fortes.

Quebrada da maré – no momento da mudança de maré ou para vazante ou para enchente.

Rebojo – vento que traz sujeira na água, mas que faz as tainhas passarem em direção ao mar aberto.

Redinha – espécie de sacola feita de redinha. Fica amarrada num pedaço de madeira enfincado na areia para armazenar o peixe dentro da água e mantê-lo vivo por mais tempo.

Riscar o peixe – quando o boto avança no meio do cardume.

Tarrafa por fora – o pescador que ocupa a vaga sem estar na vez e só pode tarrafeiar depois que a tarrafa da vez estiver na água.

Tarrafeiar às cegas – tarrafeiar sem auxílio dos botos.

Vagas – divisão espacial dentro da água marcando a posição de cada pescador, dentro de cada **vaga** os pescadores têm a sua **vez**. São sete **vagas** na primeira parte da Tesoura. Antes da primeira **vaga** tem um espaço chamado de **recurso**, onde podem ficar uns três pescadores, selecionados pelo pescador que ocupa a primeira **vaga**.

Vento aproado – vento contra o pescador, dificultando jogar a tarrafa.



ALUNOS DAS OFICINAS DE FOTOGRAFIA E AUDIOVISUAL

Amanda Motta de Souza
Ana Clara da Silva Moraes
Ana Maria da Silva Moraes
Ana Paula Ribeiro dos Santos
Ângela Regina Galvão
Bárbara da Silva Teodoro
Bruna Camilo Teodoro
Charlistown Willian Nascimento Vieira
Daiani dos Santos Estevão
Débora Campos Rosa
Deise dos Santos Estevão
Diana Vieira da Rosa
Everson Roque
Everton Fernando da Silva
Fernanda Demétrio Guedes
Gabriela Tome da Silva
Isabelle Caroline Alves de Mello
Jessica Marinho Freitas
Jeyel Trindade Ribeiro
José Antônio Fortunato Rosa
Josiane Trindade Ribeiro
Josimara Sabino de Oliveira
Josué de Moraes

Karen Machado
Keila de Andrade Fortunato Rosa
Kethlen Vitoria dos Santos Abreu
Larissa Medeiros Freitas
Luana Antunes Motta
Luana Fortunato da Rosa
Luana Oliveira
Lucas Marinho Fortunato
Lucas Vargas Roque
Luiz Henrique da Silva Moraes
Luiz Miguel Pacifico Nunes
Maria Eduarda Medeiros Michels
Maria Janaína Tomé da Silva
Mateus Vicente Martins
Nayara Oreano Rosa
Ramon Constante de Moraes
Raul Max Vianna Medeiros
Samanta Motta de Souza
Samantha Pacifico Machado
Tatiana Oreano da Rosa
Vitor Hugo Pacifico Machado
Yanca Oreano
Yara Souza



ÍNDICE DE AUTORIA DAS FOTOS

Aquarelas da artista plástica e antropóloga **Cleidi Albuquerque**.

Acervo de fotos do fotógrafo **Ronaldo Amboni**, 2002 a 2015:

Imagens da capa, contracapa, ao lado do sumário, antes e depois do Prefácio, depois da apresentação, do grupo de alunos das oficinas e imagem ao lado.

Imagens 3, 4, 7, 10, 12, 17, 19, 20, 26, 28, 31, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 53, 54, 55, 56 e 57.

Acervo de fotos da pesquisadora do NAUI, **Natalia Pérez Torres**, 2015:

Imagem ao lado dos créditos.

Imagens 15, 18, 29, 30, 45, 46, 47, 48, 49 e 50, 51 e 52.

Acervo de fotos da pesquisadora do NAUI, **Ayla Vargens Figueiredo**, 2015:

Imagem inicial.

Imagens 8, 11, 14, 16, 25, 32, 33 e 49.

Acervo de fotos da pesquisadora da NAUI, **Fátima Satsuki de Araujo Iino**, 2014 e 2015:

Imagens 5, 6, 13, 21, 22, 23 e 27.

Acervo de fotos do coordenador **Wellington Linhares Martins**, 2014:

Imagens 24 e 37.

Extraídas do vídeo **Pesca Artesanal com Auxílio dos Botos em Laguna/SC**, produzido por **Projeto Pangéia Documentários**, 2015:

Imagens 9 e 36.

Acervo de fotos da **Prefeitura de Laguna**, fotógrafo **Elvis Palma**:

Imagem 2.

SOBRE AS AUTORAS:

Alicia Norma González de Castells, Arquiteta – Urbanista (UNLP), Mestre em Antropologia Social (UFSC) e Doutora em Ciências Humanas (UFSC). Professora do Departamento de Antropologia da UFSC, do PPGAS, do PGAU–Cidade e do PósARQ / UFSC. Coordenadora do NAUI– Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (www.naui.ufsc.br). Pesquisadora do IBP– Instituto Brasil Plural.

Fátima Satsuki de Araujo Iino, Cientista Social (UEL), mestranda em Antropologia Social (UFSC), integrante do NAUI– Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (www.naui.ufsc.br). Pesquisadora do IBP– Instituto Brasil Plural.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA



Ministério da
Cultura



